

Correio das Artes

Suplemento
literário do
Jornal A União

Janeiro - 2021
Ano LXXI - Nº 11
R\$ 9,00



Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes, R\$ 9,00

Sertão poético

Um retrato das mulheres que
despontam na nova cena literária
do interior da Paraíba



**A cultura dá um gás
a mais na sua vida.
A PBGás dá um gás
a mais para a cultura.**



Ser uma empresa paraibana é acreditar e investir na Paraíba. Em nossas raízes e identidade. Por isso, a PBGás dá o gás para que a cultura do nosso estado ocupe todas as ruas, praias, casas e praças. Do Litoral ao Sertão.

Nos últimos anos, a PBGás apoiou:

Salão de Artesanato da Paraíba.
Bloco Cafuçu Carnaval 2019 e 2020

Festival Jacumã Fest 2020
Projeto Interatos 2018 e 2019



PBGÁS
COMPANHIA PARAIBANA DE GÁS

@pbgás_



A poesia que vem do interior

É do interior, mais precisamente, do Sertão, que vem a renovação da poesia paraibana. É o que atestam as próximas dez páginas desta edição, a primeira de 2021, um ano que se inicia no berço da esperança por dias melhores, sem covid-19 e todos os problemas e tristezas que a pandemia trouxe para nossas vidas.

O ano que passou foi de muita luta - física, emocional, espiritual - e manter-se firme foi um desafio. Superando as dificuldades, fico feliz em olhar para as 12 edições do Correio das Artes que publicamos ao longo do ano, uma coleção de textos, ensaios, apanhados históricos, reportagens de fôlego, resenhas e colunas que constituem um espaço de resistência fundamental para o Estado da Paraíba, afinal nessas 12 edições - e em tantas outras - estão impressos um rico material de pesquisa, sobretudo nos diversos campos da arte.

É com esse mesmo vigor que, agora, a gente mira no fu-

O leitor irá conhecer sete mulheres que têm se destacado na literatura através de uma poesia escrita, com uma pena às vezes leve, às vezes dura, às vezes engajada.

turo. Daí estrear 2021 com este valioso material, garimpado pelo veterano poeta, jornalista e editor Linaldo Guedes, o leitor irá conhecer sete mulheres que têm se destacado na literatura através de uma poesia escrita com uma pena às vezes leve, às vezes dura, às ve-

zes niilistas, outrora engajada, quem sabe, sonhadora, otimista, ou explosiva, mas sempre contundente.

A matéria de capa costura o perfil e a opinião dessas bravas poetisas com pequenas amostras de seus talentos. Muitas são paraibanas, outras são "estrangeiras", mas que escolheram o Estado como lar, ou como local de trabalho, estabelecendo-se em cidades como Patos, Sousa ou Cajazeiras.

Muitas nasceram na era da internet, dominam o ambiente virtual e fazem dele, a rede de contato para disseminar sua arte. Não se acanham em promover-se através das redes sociais, mas também não abrem mão de ver suas escritas impressas em papel. Feminismo, resistência e as fronteiras da arte são discutidas nas próximas páginas, em um registro que abre alas para toda uma nova geração.

O editor
editor.correiodasartes@gmail.com

índice



MÚSICA

Em menos de um mês, a PB perdeu dois ícones do forró: Zé Calixto e Genival Lacerda. O professor Chico Pereira lembra a trajetória de ambos.



POESIA

Imortal da Academia Pernambucana de Letras, a professora Luzilá Gonçalves Ferreira dissecou o último livro de Hildeberto Barbosa Filho.



ENSAIO

A escritora Ana Adelaide Peixoto aborda a vida, os livros e a militância feminista da britânica Virginia Woolf em um belíssimo texto.



LITERATURA

O escritor português José Luís Peixoto é o tema da coluna Clarisser. Analise Pereira comenta duas obras do autor: 'Morreste-me' e 'Autobiografia'.



OUVIDORIA:
99143-6762



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.
Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albige Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV

Correio das Artes
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA
EDITOR DO CORREIO DAS ARTES

Paulo Sérgio de Azevedo
DIAGRAMAÇÃO
Domingos Sávio
ARTE DA CAPA

O Sertão vai virar UM MAR DE POESIA

*Quem são, o que pensam e escrevem
as novas poetas que movimentam os
saraus do interior da Paraíba*

Linaldo Guedes
linaldo.guedes@gmail.com

Desde o surgimento do Mulherio das Letras em 2017, com grande evento realizado em João Pessoa, que as mulheres têm cada vez mais ocupado espaços na literatura contemporânea brasileira. Com variedade de cores, sotaques, ritmos, idades, estilos e cidades, elas estão em todo local. Produzindo, escrevendo, publicando livros de qualidade no resgate de um espaço que lhes foi roubado de forma histórica pelo patriarcado que sempre dominou a cena literária nacional.

O Sertão paraibano não tem ficado atrás nesse movimento. Parafraseando a expressão clássica, não seria exagero dizer que o Sertão está virando um mar de poesia. Jovens poetas começam a despontar no cenário estadual, publicando livros, ganhando prêmios e abrindo espaço para seus talentos. Quem são elas? Onde moram? Quais são suas produções? E as dificuldades para se fazer poesia para quem é do sertão? O Correio das Artes preparou um dossiê com depoimentos de sete poetas do sertão da Paraíba: Amanda K., Perla Alves, Eva Vilma, Lua Lacerda, Clárcia Ribeiro, Nágila de Sousa Freitas e Porcina Furtado.



O início na zona rural

FOTO: DIVULGAÇÃO



*Amanda K.,
cajazeirense
radicada em João
Pessoa, começou
publicando textos em
blog no início dos
anos 2000*

O início sempre é difícil. Mas foi no intervalo das brincadeiras de infância que nossas poetisas começaram a escrever. Amanda K., cajazeirense hoje radicada em João Pessoa, não sabe exatamente quando começou a escrever seus primeiros poemas, mas sabe que foi quando criança. Já adulta, criou um blog na fase áurea dessa plataforma, no início dos anos 2000, onde começou a publicar minicontos e poemas. “Publiquei um livro de contos inicialmente e houve quem dissesse que ali já era poesia. Mesmo tendo lançado um livro de poesia, ainda tenho minhas dúvidas se de fato sou poeta”, afirma.

Modéstia de Amanda, que lançou, em 2018, *Vinis Descascando Pelas Bordas*, pela editora Escaleras. “É um livro/diário do que vi e vivi. É uma interpretação dos sentidos daqueles momentos em que a poesia se fez. Fala de mar, de sertão, de família, de músicas e amores, fala até do que nem sei dizer”, define Amanda, que tem coluna semanal no caderno de Cultura de *A União*.

AMANDA K.

I

estico-me
nesse cabo de guerra
entre o êxtase
e a inércia

II

atravessamos a ponte
pra trás os relógios
as pressas pelo nada
talvez nem Oz arriscasse
um truque
onde tudo simplesmente é

III

nos dedos o incontrolável desejo
de percorrer teus vales
testa, sulcos
adentrar o lado oposto
invadir o campo magnético
traçar linhas, semicírculos
sem pressa
como o viajante de Kavafis
até que Ítaca se apresente
e fim.

EU LÍRICO LÚCIDO

Clariça Ribeiro, natural de Limoeiro (CE) e radicada em Sousa, acredita que começou a escrever por volta dos 10 anos de idade. “Mas acabei revelando, naquele momento, uma afinidade maior com o texto dissertativo, como demonstra o fato de ter sido vencedora, aos 12 e 13 anos de idade, respectivamente, de dois concursos literários estaduais, todos na categoria dissertação”, explica. Depois do que ela considera um vácuo literário, principalmente pelas suas funções como professora da UFCG, no campus de Sousa, Clariça foi “resgatada” para o mundo literário pelo Centro Cultural Banco do Nordeste, naquele município sertanejo. Foi no CCBNB que ela conheceu Maria Valéria Rezende, uma de suas referências literárias.

O primeiro livro de poemas da Clariça Ribeiro intitula-se *Ecos do Céu da Boca* e está sendo publicado no início deste ano pela Arribo Editora. A obra, aliás, ganhou menção honrosa em concurso da editora. De que fala o livro? Clariça responde: “Apresenta poemas que perpassam as temáticas da autodescoberta, da criação poética, das múltiplas violações que atingem especialmente a vida de mulheres e meninas, do amor em suas diversas ex-



A cearense Clariça Ribeiro lança, este ano, seu primeiro livro de poemas, *Ecos do Céu da Boca*

pressões e possibilidades, do tempo com suas pausas, despedidas e reencontros e os processos de ruptura das mulheres com as determinações patriarcais que aprisionam e mutilam suas existências. Tudo isso mobilizado a partir de um eu lírico bastante lúcido e sensível tanto ao sagrado quanto ao profano”.

CLARIÇA RIBEIRO

Umbigo

Apartada de quem me causou
Perdura em mim
Um rasgo de nascença
Pacto da mátria onipresença

Conectada à fatia da pele alheia
Olhei para o meu próprio umbigo
E vi ao mundo que me rodeia
E a outros mil e diversos tantos
Mais universais

Insculpida no centro de meu corpo
A eterna cicatriz primeira
Roga paz na terra
Entre os egos de boa vontade.



A PESSOA É PARA O QUE NASCE

Nágila de Sousa Freitas é natural de Ipaumirim – município cearense próximo a Cajazeiras, cidade onde ela tem raízes familiares. Para Nágila, a pessoa já nasce com a poesia dentro dela. “Muito cedo, comecei a viver esse poder da palavra e, mesmo sem entender para onde iria, a poesia nasceu em mim como o princípio fundamental da linguagem, através da qual se deriva a palavra que prevê, ordena, tipifica, julga, absorve e condena todas as minhas expressões no mundo”, teoriza.

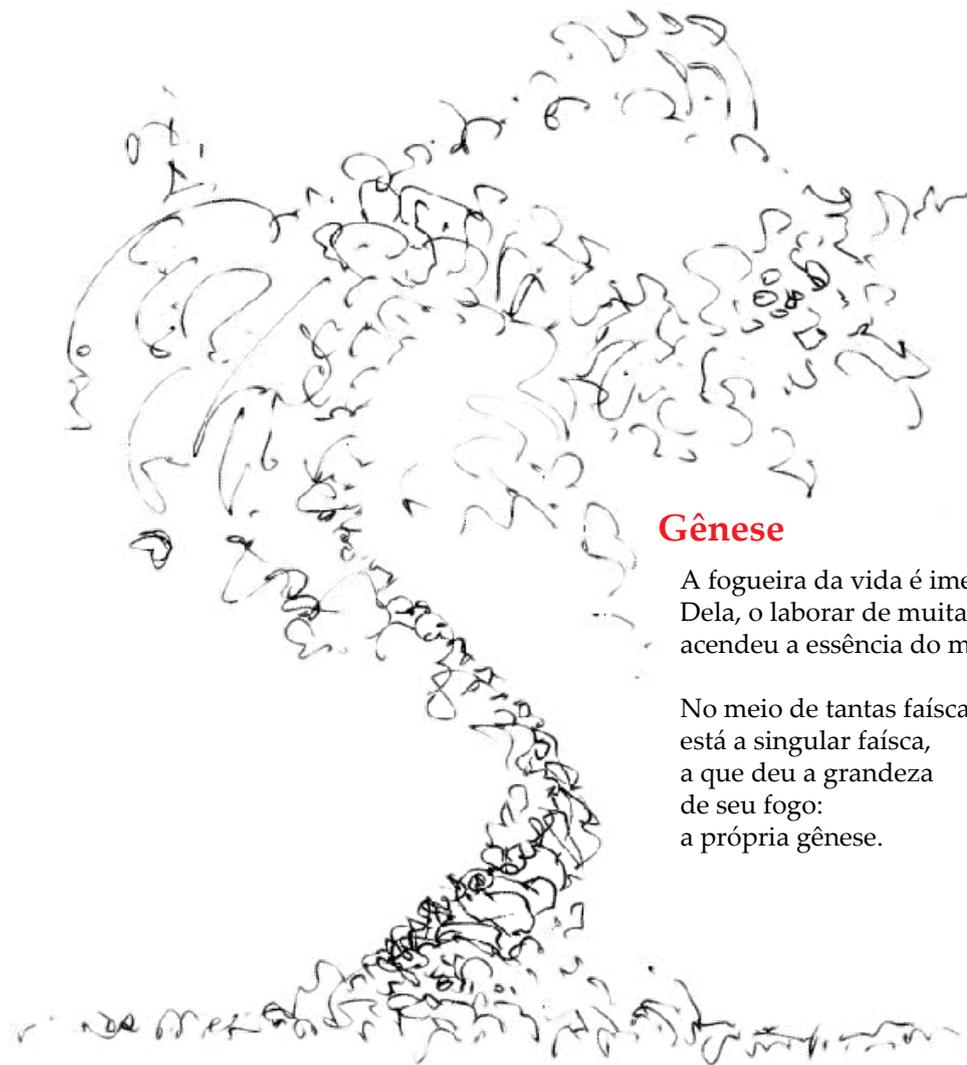
Nágila publicou, em 2011, *Anseio Poético*, em plataformas independentes. Na sua área de atuação profissional, escreveu, junto aos seus colegas de mestrado, o livro *Compreendendo a Gestão Educacional*. E agora, está com um trabalho inédito, *O Poema é Mais Belo que o Título*, que está sendo lançado no início deste ano pela Arribaça.

Militante do Movimento dos Sem Terra em Mari, Eva Vilma é outra cajazeirense que vem surgindo para o mundo da poesia em sites, redes sociais e grupos literários. Ela ainda tem dificul-



*Natural de Ipaumirim (CE),
Nágila de Sousa Freitas
acredita que o poeta já nasce
com a poesia dentro dele*

dade para se afirmar como poeta, porque se cobra muito, diz. “Mas escrevo desde meus oito anos de idade, tinha diários onde todos os dias escrevia minha realidade de forma metafórica para que se minha irmã fosse ler não entendesse”, afirma. Eva Vilma ainda não tem livro publicado, mas pensa em realizar esse sonho.



NÁGILA DE SOUSA FREITAS

Gênese

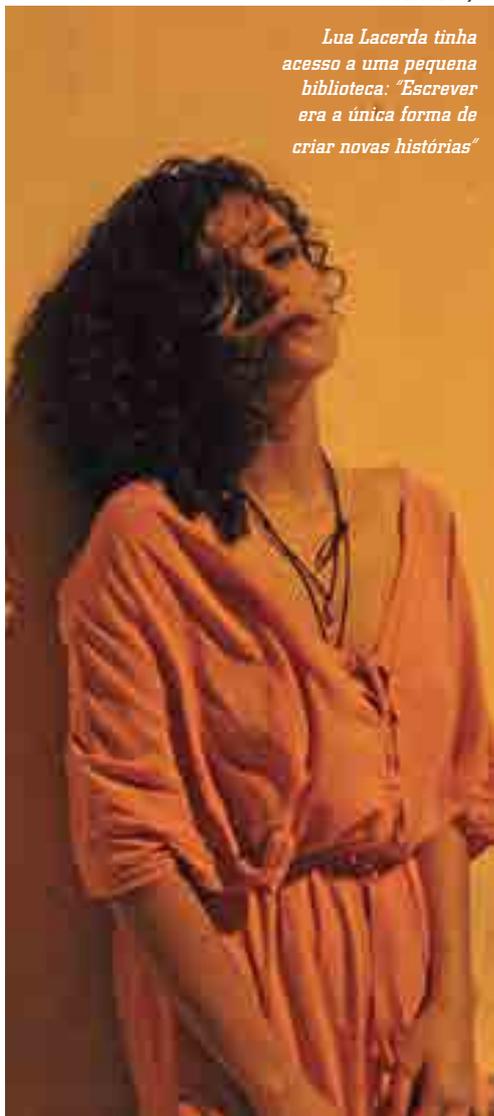
A fogueira da vida é imensa.
Dela, o laborar de muitas faíscas
acendeu a essência do mundo.

No meio de tantas faíscas
está a singular faísca,
a que deu a grandeza
de seu fogo:
a própria gênese.

Mas, é o fogo
que tem a faísca
só como uma faísca.
A faísca é, porém,
do fogo a essência.

É bom, pois, notar que
há sempre uma pequena faísca
por trás de um grande fogo.

Lua Lacerda tinha acesso a uma pequena biblioteca: "Escrever era a única forma de criar novas histórias"



SERTÃO X LITORAL

Já Lua Lacerda começou a escrever na infância, na zona rural do alto sertão, em uma escola com, no máximo, 100 estudantes: "O mundo, para mim, eram aquelas 100 pessoas", conta. "Nós tínhamos uma mini biblioteca, quer dizer, só depois eu descobri que era mini. Na época, eu achava que todas as bibliotecas eram daquele jeito: um quartinho quente que você precisava sair para ler do lado de fora, onde o vento perdoaria você. Lá tínhamos apenas uma única estante como acervo. Com toda a certeza, a Lygia Bojunga não sabe de cor os detalhes dos seus livros como eu sei. Ela era praticamente tudo o que eu tinha para ler. Por causa disso, escrever era minha única forma possível de criar novas histórias".

Redemunho é sua primeira obra poética e foi recentemente publicada pela Editora UFPB, sendo resultado do edital de obras poéticas que teve como comissão de seleção Sérgio de Castro Pinto, Moama Marques e Gilmar Leite Ferreira. "*Redemunho* é uma obra que trata, sobretudo, da tão antiga trajetória histórico-social que há entre o sertão e o litoral paraibano. No sertão, é isso que enfrentamos: uma evasão forçosa diante das políticas coloniais de sucateamento aos recursos mais básicos. Nesse sentido, *Redemunho* é uma das faces subjetivas desse problema objetivo - é o próprio deslocamento", comenta

LUA LACERDA

fértil

se eu for mãe não saberei
explicar o por quê
a criança me perguntará
mamãe, por quê?
se eu for mãe e tiver que gritar
mas antes de ser mãe eu não gritava
se eu for mãe e tiver que ler
contos de fadas
se eu for mãe e rezar
se eu for mãe, me tornar uma mãe
e esquecerem meu nome
terei peitos de mãe, mente de mãe
coração de mãe
se eu for mãe e de repente
quiser parar de ser
se eu for mãe e morrer
se eu for mãe e quiser ficar sozinha
se eu for mãe e não for difícil
se eu for mãe
já aprendi antes de ser
se eu for mãe é fácil
difícil é não ser





Amor em tempos de guerra

Aceitar
Agradecer
Perdoar o imperdoável
Esquecer a ferida e o que feriu
O que mais importa nessa vida
O que não viveu ou o que sentiu?
Vivemos nos despedindo sem despedidas
Sem viagem marcada, idas ou vindas
Sabemos que aqui estamos
Mas nunca até quando vamos
Pensamentos
Sentimentos
Emoções
Incertezas escondidas no travesseiro
Sonhos adormecidos em cama vazia
Lembrança passageira de noites e dias
Nada era tão bom
Quanto chupar manga na varanda
Ao som
Ao tom
Da poesia e maestria de amar a vida
Aquela vida que parecia bela
E era
Tão bela quanto a luz da lua
Quanto a imagem tua
No meu despertar
Quanto amor
Tanto amor
Sem saber amar
Amar
A.mar
Ama.R
Como não amar?
Porque não amar?
Como é o amor?
Não sei explicar
Perdão
Dei meu coração
Achei que sabia
Jurei que entendia
Pobre de mim
Pobre de nós
Grita o Amor:
Tenha amor
Doe amor
Muito amor
Só o amor pra vencer a guerra
Só o amor pra nos libertar
Amor em tempo de guerra
Pra morrer de amar.

PERLA ALVES

Natural de Patos, onde reside, Perla Alves começou a escrever aos 10 anos, na época que era comum organizar cadernos de pensamentos. “Me interessei por poesia ainda no ensino fundamental com o incetivo da professora Socorro Vieira que sempre levava poesia para as aulas de literatura e orientava muita produção de texto”, acrescenta. Perla ainda não tem livro publicado, mas pretende fazer isso logo. Tem três livros de poemas organizados esperando a oportunidade de publicar. Dois tratam de poemas do cotidiano e um, sobre poesia feminista.

FOTO: DIVULGAÇÃO



Perla: cadernos de pensamento foram a base da sua escrita

INFLUÊNCIAS

Porcina Furtado é natural de Sousa, onde mora, e diz que começou a escrever poesia ainda criança, por influência da avó que cantava cordéis para as crianças nas noites sem luz elétrica. “Para não esquecer os versos, escrevia-os nas paredes da sala. Quando percebi, escrevia na parede os versos que inventava”, recorda

Porcina tem dois livros em e-book publicados no site <https://porcinafurtado.wordpress.com> e está em uma coletânea de poesias, *Rimas do Sertão*, com autores sertanejos, além de um livro inédito que reúne poemas em partes distintas, discorrendo sobre o cotidiano com subjetividade, lirismo e erotismo. Esta obra foi aprovada na Lei Aldir Blanc em Sousa e será publicada com o título de *Ilha Perdida*.



Porcina tem um livro de poemas inédito na gaveta: subjetividade, lirismo e erotismo

PORCINA FURTADO

A parede da sala

A primeira confidente
A amiga de muitos olhos
Ouvia os sussurros
O choro os risos e medos
Abraçava-me na falta de luz
Juvenal e o dragão
Guerreavam na sombra
Das luzes de vela
Mostrou-me fantasmas
Que rondavam a casa
Escondia-me da tia louca
Guardou os primeiros versos
Os segredos de menina
Paixões e desencantos
Em letras miúdas sem sentido
Depois foi o primeiro livro
Escrito na parede da sala



EVA VILMA

FOTO: DIVULGAÇÃO



Militante do MST em Mari (PB), Eva Vilma ainda tem dificuldade para se afirmar como poeta

I
Os dias passam no seu compasso
Aos passos dos meus rastros
No tempo e ao relento
Do riso ao lamento
Segue
Recua
Apressa
Sem pressa
Dispersa
Alma vagueia, mente insana
Farrapos de mim
Espalhados aqui, ali, acolá
Vou me deixando por onde passo
Pedaquinhos de mim
Do meu coração que sangra.
Grita
Na súplica da presença
Quando há ausência
Não falo da ausência da ausência
Quero a presença de uma presença
Não é uma ausência qualquer
Mas a falta da presença de alguém que se foi
Ou que quer ir
Para onde? Não sei...
Volte!
Volte nos passos do seu compasso
Nos dias que ainda há tempo
Sem lamentos ou tormentos
Junta os pedaços de mim
E seremos o todo em apenas um .

Apressa-te ...

“APAGAMENTO” E REFERÊNCIAS

Porcina Furtado critica o que ela chama de “apagamento” da poesia feita por mulheres ao longo da história, ficando as mulheres à sombra dos homens com poucas autoras recebendo a devida importância. “A partir do século XX muitas mulheres puderam romper com a barreira do preconceito e apresentar suas percepções de mundo através da escrita. Tenho como referência poetas como Hilda Hilst, que em sua poesia retrata a relação da mulher com seus desejos e sentimentos, além de Gilka Machado, precursora da poesia erótica no país e ainda Adélia Prado”, observa.

Amanda K. diz não gostar dessa divisão, “poesia feita por mulheres” “poesia feminina”. Pra ela, só existe a poesia, não importando de onde ela vem. “Isso de dividir em inúmeros gêneros é coisa desse tempo que eu não gosto. A poesia não está nem aí, ela é e pronto”, ressalta. Suas referências poéticas são as mais variadas, e é por nomes, e não gêneros: Fernando Pessoa, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Adélia Prado, Leminski, E. E. Cummings, entre tantos outros.

Para Clariça Ribeiro, a poesia de autoras quebra silêncios e rompe com os estereótipos do que uma sociedade marcadamente patriarcal espera da poesia produzida por mulheres. “Não tem ‘ganhado’ mais espaço, tem conquistado mesmo. Assim como quem entra empurrando a porta com os dois pés e megafone em punho. Porque isso tem se dado a partir de intensos processos de auto-organização das mulheres e da ocupação (ou mesmo criação) de espaços independentes para difusão das poesias produzidas”, analisa. Diante de tanta diversidade, são diversas também as suas referências poéticas, dentre clássicas e contemporâneas, mas reverencia especialmente a poeta Gilka Machado, a quem dedica seu livro “Ecos do Céu da Boca”. “Conhecê-la foi para mim como rever a uma grande amiga. Descobri muitas identidades ali, me reconheci na poesia de Gilka. Ter sido a primeira mulher a publicar poesia erótica no Brasil, além das críticas machistas e racistas que lhe rendeu, atraiu para sua poesia um projeto de apagamento na cena literária contra o qual ainda nos cabe lutar”, enfatiza.

Eva Vilma declara que sempre está lendo poesia feita por mulheres. Suas principais referências literárias são Clarice Lispector, Florbela Espanca, Hilda Hilst, Veruza Guedes, Nadja Claudino, Cecília Meireles, entre outras.

Lua Lacerda entende que desde que as mulheres invadiram e possuíram a poesia, gênero literário historicamente dominado pelos homens, muita mudança espiritual e estética tem acontecido.

– Eu vejo a poesia feita por mulheres como toda poesia deve ser vista: com seriedade, encantamento e espanto. A literatura feminina não é uma sub-categoria, “poesia feminina” não se trata de um subgênero. É importante que mulheridades escrevam para arruinar com essa subjetividade falocentrada que tanto damos de cara na literatura. Uma poeta sempre gera outra e outra. Até que tudo esteja infectado pela mudança, viveremos em constante estado de ruptura e erupção – acentua.

Neste sentido, são muitas mulheres-referências em Lua. Fora do Brasil, Diane di Prima, poeta beatnik; no Brasil, dentre tantas, Hilda Hilst. Cris Estevão, Aline Cardoso, Jennifer Trajano, Bianca Rufino e Débora Gil.

Nágila de Sousa Freitas avalia que historicamente o cenário literário foi pensado para a inserção de poucos e, poucos, alerta, é um dado substancialmente masculino. Durante muito tempo sociedades do mundo inteiro deram somente aos homens o direito de pensar e de materializar seus pensamentos e emoções através da escrita.

– Na literatura quase todas as obras clássicas do país foram escritas por homens, na sua grande maioria, homens brancos. Nessas condições, homens precisaram de muito pouco para se tornarem clássicos. De outras formas e em outro contexto, a mulher ainda continua sendo excluída do cenário literário brasileiro. Mais de 70% dos livros publicados por grandes editoras brasileiras entre os anos de 1965 e 2014 foram escritos por homens. Ou seja, falta representatividade feminina na literatura brasileira contemporânea. E agora não estamos mais falando da exclusão direta – aquela que impedia, que barrava e ordenava abertamente a não participação de mulheres na literatura, mas da exclusão dada pela ausência de mulheres em um cenário que, apesar de novo, ainda apela pelas velhas conveniências para se manter de pé – lamenta.

Segundo ela, essa ausência de escritoras na literatura é pouco percebida, porque há uma avalanche de falsas impressões sobre a temática literatura feminina, cegando a realidade. “Desde muito cedo desenvolvi consciência de classe, assim, sempre procurei ler obras escritas por mulheres, é uma forma que encontro, essencialmente e especialmente, de apoiar obras femininas. Meu primeiro encontro literário feminino foi com Rachel de Queiroz, lendo a peça ‘A Beata Maria do Egito’, depois fui apresentada à Clarice Lispector, foi quando descobri que antes mesmo de conhecê-la eu já dialogava muito com seus textos na perspectiva de compreensão da escrita enquanto produto de si.

‘A Hora da Estrela’ é a minha obra referência de Clarice. No contexto literário da contemporaneidade, leio e estudo a literatura feita por nomes como Adriane Garcia, Líria Porto, Henriette Effenberger, entre outras”, explicita.

Perla Alves compreende que historicamente, por muito tempo, fizeram com que as mulheres permanecessem à sombra dos homens em vários aspectos, inclusive artístico e cultural. “Na literatura é comum citar inúmeros poetas do gênero masculino, muitas poetas ganharam destaque pela irreverência de escrever sobre o mundo. A poesia feminina é a expressão mais pura do sentimento, seja ele positivo ou negativo. A poesia feminina é profunda feito um parto, nasce de uma imensidão do ser Mulher. Resistente aos Ventos e Luas, fases e faces, escolhas, caminhos. Nesse universo aprendo a ser Mulher com as melhores e grandiosas mulheres poetas da história. Minhas maiores referências são: Hilda Hilst, Cecília Meireles, Adélia Prado, Cora Coralina, Alice Ruiz, Lya Luft, Florbela Espanca, Lupi Kaur, Clarice Lispector”, completa.

POESIA NO SERTÃO: RESISTÊNCIA

Quais são as principais dificuldades de se fazer poesia para quem nasce ou mora no Sertão da Paraíba? O que nossas poetas dizem? Clariça Ribeiro vê nisso algumas lutas a mais para serem travadas. Primeiro, pela conquista do lugar legítimo de quem escreve, de quem faz poesia. “Já ouvi escritoras renomadas no campo da literatura invisibilizando a possibilidade de quem está no sertão a produzir também, como se, por nos localizarmos em terras sertanejas, o nosso lugar fosse sempre e exclusivamente o de público, o de receptor. Nunca o lugar de quem produz literatura e, dentro deste campo, também a poesia. Nada mais falso. Esse lugar nos pertence de muito tempo”, rebate.

Segundo, continua, a luta pela liberdade sobre o quê e o como se escreve, tentando escapar dos imperativos que querem determinar, especialmente às mulhe-

res do sertão paraibano, quais os temas ou estilos devem pautar a sua poética. Terceiro, a luta para que sua voz seja ouvida. “Falo das dificuldades relativas à publicação, visibilidade, reconhecimento num país de tantas desigualdades regionais. Há uma certa resistência a se conhecer o que é produzido fora do eixo Rio-São Paulo e, conseqüentemente, das grandes editoras. Essa produção não conta com a mesma visibilidade e frequentemente parece ser vista como ‘uma literatura menor’. Apesar dos pesares, a poética que nasce no sertão paraibano é, antes de tudo, resistência”.

Amanda K. não vê nenhuma dificuldade. “Penso que a inspiração/poesia não escolhe clima, região, cor, raça...”. Eva Vilma aponta que uma das dificuldades são os espaços para divulgação e alguns acadêmicos e acadêmicas que não consideram a poesia livre como arte, se prendendo muito às regras literárias. “Isto faz com que muitos poetas engavetem o que escreve”, reforça. Nágila de Sousa Freitas diz que tudo se resume a representatividade e Perla acredita que faltam espaços de vivências que promovam o gosto pela leitura no sertão.

Lua Lacerda destaca a existência de muitas barreiras. “Eu não cresci frequentando saraus, mas sei que esses espaços são importantíssimos para formar pessoas dentro da literatura. E nós temos tão poucos. Passei a infância lendo os mesmos livros, repetidamente, pois a biblioteca da minha escola tinha apenas uma estante como acervo. Se o acesso à literatura não é amplamente garantido em uma cidade, certamente ela não está interessada em gestar suas escritoras”, considera.

Conforme Lua, esses enfrentamentos locais são importantes, mas é preciso entender que essa dinâmica pertence a um projeto político maior. “Precisamos de estímulo, de acesso à informação. Por exemplo, se eu não tivesse ido até a capital, não teria acesso à informação sobre o edital que culminou na publicação do Redemunho. Esses editais geralmente não chegam no sertão porque essa região é politicamente pensada para ser esvaziada e abastecer a mão de obra

da (ou seria do?) capital. Pra mim, essa é a maior dificuldade de se fazer literatura no sertão: o destino quase fatal de ter que evadir para conseguir acessar certos recursos e ter condições mínimas de sinceramente poder escrever”, esclarece.

Porcina Furtado enumera algumas dificuldades: falta de incentivo, trabalho de base nas escolas que estimule à escrita e trabalhe autores locais, além da desarticulação de movimentos culturais literários que dificulta a falta de incentivo, principalmente, a novos poetas para a publicação dos trabalhos.

POESIA, SER POETA

Mas afinal, o que nossas entrevistadas consideram poesia? O que é ser poeta para elas? Lua Lacerda diz que poesia é um jeito de transformar as coisas. “Quando escrevemos, não estamos apenas cuspidando palavras mas transformando tempo-espaço onde estamos. Ser poeta é dar de comer a alguém”.

Porcina Furtado considera poesia a palavra sentida, contada, cantada, que cria imagens e significados. “Poeta é um artista que escreve. É um contador de histórias da alma”, reitera.

Para Perla, poesia é a expressão da vida que transborda. “Ser poeta é transcender a tudo e todos. É dádiva. Ancestralidade. Ser poeta é observar e absorver da vida tudo e transformar em poesia. Ser poeta é viver a vida além do que se vê e sente”.

“Poesia para mim é vida, é um estado de espírito. É tornar a vida mais leve, mais colorida. É sentir. Sempre afirmo que os poetas têm uma tarefa a mais neste universo, sentimos tudo com mais intensidade”, ensina Eva Vilma. E ser poeta é se desafiar, inclusive a ser estereotipada como “louca”, decifra.

Clariça Ribeiro entende que a poesia como o processo criativo do fazer poético é, sem dúvidas, catarse. É dar vazão ao que estava represado. “Os primeiros versos vêm sempre com muita força, me obrigando a interromper qualquer outra coisa que eu esteja fa-

zendo naquele momento, eles me pressionam a escrever. E a sensação que fica depois é de alívio, de libertação, de cura, de reconquista da consciência enfim”. Já ser poeta é “cumprir papel catártico na vida de outra pessoa, mesmo que sem essa intencionalidade estabelecida a priori.”

Amanda K. brinca e descreve poesia como o método terapêutico mais barato e acessível que encontrou. “É a paleta de cores disponível pra gente pitar e riscar do jeito

que quiser. Ser poeta é alguém que enxerga um pouco além do que se vê, ao menos nas palavras”.

Nágila de Sousa Freitas diz que ser poeta é ser a pele de todas as coisas. Para definir o que é poesia, ela utiliza-se de um poema de seu livro:

“A poesia é uma maneira que a vida encontrou de nos dizer que toda ela é, senão, uma célula viva brigando pela sobrevivência de seu ritmo.”

QUEM SÃO ELAS

Amanda K. nasceu em fevereiro de 1985 na cidade de Cajazeiras/PB. É advogada e foi vencedora do Concurso Nacional de Contos e Poesia que marcou os 60 anos do Correio das Artes, na categoria contos com a obra “Cogumelos nascem no telhado”. “Vinis descascando pelas bordas” lançado em 2018, foi seu livro de estreia na poesia. Atualmente é colunista do Jornal A União.

Clariça Ribeiro é natural de Limoeiro do Norte/CE e residente em Sousa/PB, Clariça Ribeiro é docente do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Campina Grande (UFCCG), com doutorado em andamento pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Recebeu menção honrosa no Concurso Nacional de Poesias promovido pela Arribaça com livro inédito intitulado “Ecos do Céu da Boca”.

Nágila de Sousa Freitas é escritora, poeta, dramaturga, compositora, editora, projetista, professora, pesquisadora científica e líder social. É natural de Ipaumirim, no Ceará.

Eva Vilma se define como sem terra, sem identidade, historiadora, mulher, mãe, amante da poesia e sempre lutando

por um mundo mais justo e igualitário. Atua em assentamento do Movimento dos Sem Terra, em Mari.

Lua Lacerda nasceu em Cajazeiras (PB) e mora em João Pessoa (PB), onde faz graduação em Jornalismo pela UFPB. Seu primeiro livro de poesia “Redemunho”, acaba de ser publicado pela Editora UFPB.

Perla Alves é paraibana nascida em Patos, Engenheira Florestal de formação, mestra em Ciências Florestais e Ambiental, educadora popular, agente cultural, artesã e poeta. Tem poemas publicados em três edições do Abril para a Leitura promovido pelo CCBN de Sousa. Fez parte do projeto Poesia de Quarta, promovido pelo IFPB campus de Cajazeiras, com poemas publicados na Antologia Poética Poesia de Quarta. Participa como autora convidada do Blog Crônicas Cariocas. É idealizadora do Projeto Prosa e Poesia no município de Patos/PB.

Porcina Furtado é natural de Sousa-PB, onde reside. Poeta, atriz, produtora cultural, professora, graduada em Letras pela UFPB, especialista em Gestão Escolar pelo IFRN. “Ilha perdida” é seu primeiro livro de poemas publicado.

Linaldo Guedes é jornalista e poeta. Publicou 11 livros, sendo quatro de poemas. É repórter do Correio das Artes e mestre em Ciências da Religião.

O rojão do fole

Chico Pereira
Especial para o *Correio das Artes*

Muito tempo passou desde quando a fogueira era o centro dos olhares e das brincadeiras juninas. Em torno dela dançava-se quadrilhas, fazia-se loas, assava-se milho e batata, soltava-se fogos e balões. Fazia-se adivinhações, consultas amorosas e selava-se compadrios e amizades. Mas tudo isso são apenas lembranças, como muito bem atesta um dos indelévels hinos dessa época, da lavra musical de Antônio Barros quando diz: “Tem tanta fogueira/ Tem Tanto balão/ Tem tanta brincadeira/ Todo mundo no terreiro faz adivinhação...”

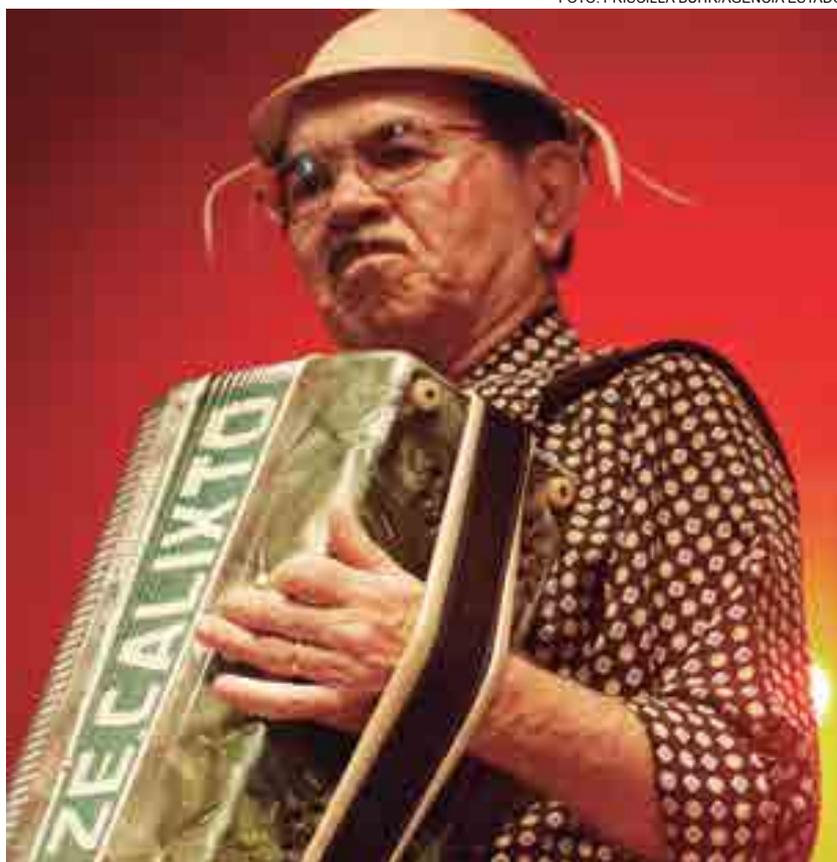
Essa dramaticidade sazonal, notadamente no Nordeste brasileiro, de herança ibérica cujas raízes se perdem no tempo, coincidia com o resultado da fartura agrícola quando o ano era bom de inverno. Aí se davam os festejos dos santos propiciadores que começava com São José, marcador das chuvas, com São do Carneirinho embandeirado no terreiro, sem esquecer do Santo Antônio casamenteiro, que animava as quadrilhas. Ciclo encerrado por São Pedro, dono da chave celestial que abria as portas das águas, principal acontecimento na consciência psicossocial do sofrido povo dos sertões.

Tudo isso animado pela musicalidade simplificada do zabumba, do triângulo e da sanfona, a base original de onde já brotara as raízes emblemáticas do que viria se transformar no hinário rítmico nordestino do forró, de onde saíria o baião, o consagrado gênero que teve em Luiz Gonzaga seu porta voz e Jackson do Pandeiro como principal agente de todos os outros ritmos que incluiria além do baião o xote, o samba, o frevo e tantas outras expressões que hoje elastecem o universo musical brasileiro.





*A Paraíba perdeu
Genival Lacerda no dia
7 de janeiro de 2021
para a covid-19, artista
era um dos grandes
ícones do farró*



Zé Calixto, o mais original de todos os tocadores de fole, faleceu no dia 13 de dezembro de 2020, aos 87 anos

► Musicalidades estas, grande parte destinada às danças de salão, de arrastos e outras de ancestralidade folclórica, popularizadas e urbanizadas que viriam constituir o modelo nacional do conhecido forró nordestino, recentemente reconhecido como patrimônio imaterial da cultura brasileira, disseminado pela indústria fonográfica desde os anos de 1940, quando o rádio e os auditórios - e, mais tarde, o cinema na era das chanchadas -, essa forma nordestina de cantar e dançar veio ser emblemática como representação de um povo e de uma região.

Sem dúvida, o rádio foi universalmente o marco principal de difusão dos diferentes gêneros musicais, entre os quais o nordestino. Sem ele, dificilmente essa expressão periférica seria ouvida. Contribuiu para isto, também, a diáspora nordestina para o Sul do Brasil, dos levados pela seca que viriam a constituir mão-de-obra cativa, primeiramente no Rio de Janeiro, e, mais tarde, em São Paulo, cujos ouvidos careciam de lembranças da terra e que vieram novamente se alegrar e chorar de saudade através dessas primeiras vozes que chegaram na então Capital Federal, que

teve no Rei do Baião um dos seus pioneiros, entre outros que mais tarde chegariam para fortalecer a presença nordestina, a exemplo do Jackson do Pandeiro.

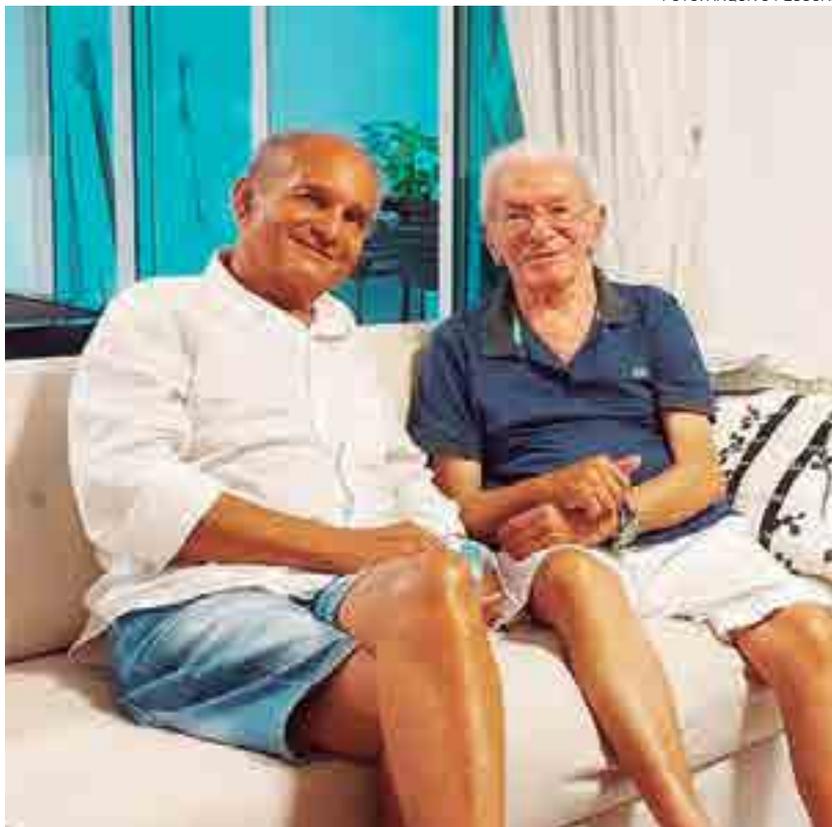
Essa nostalgia, constante na voz de Luiz Gonzaga, não só contribuiu para fortalecer essa identidade distante do lugar de origem, como levou para além das fronteiras nacionais, uma cultura identificada por aquilo que sociologicamente se conhece até hoje como Nordeste, sua geografia física e humana, sua história intrínseca e seus valores culturais, expressa também na literatura dos romancistas que se dedicaram a região a exemplo de José Américo de Almeida, de Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Jorge Amado e tantos outros que registraram em suas obras essa paisagem marcada pela cana-de-açúcar, pela seca, pelo cangaço, pelo mandonismo dos coronéis, pela poética popular dos repentistas e emboladores, dos cantadores, da religiosidade, do folclore da po-

lítica e tudo aquilo que perpassa por esses pioneiros musicais e seus descendentes que chegam aos dias atuais fortalecidos e reconhecidos nas vozes atualizadas dos Zé e Elba Ramalho, Capilé, Chico Cesar, Luís Ramalho, Vital Farias, Sivuca, Flávio Jose, Biliu de Campina, Bráulio Tavares, Lucy Alves, e tantos outros compositores e intérpretes, sem esquecer bandas e trios que constituem esse expressivo universo musical nordestino aqui restrito mais ao lugar, já tratamos sobre dois ícones da música nordestina a partir da Paraíba, recentemente falecidos.

ZE CALIXTO E GENIVAL LACERDA

Três elementos se inter cruzam na música popular: o poeta, o músico e o intérprete. As vezes separados, as vezes juntos. Outras numa só pessoa. São reconhecidos nas suas composições, suas letras, suas musicalidades. Um maneirismo que cada um carrega pelo qual chamamos de estilo, fruto da voz, forma melódica, da sua expressão corporal no palco, incluindo performances formada por um grupo, o caso dos trios e bandas. São repetições que, ao longo do tempo, vão fixando uma identidade. O caso de Luiz Gonzaga com sua voz de aboiador, o acompanhamento do trio de zabumba, sanfona e triângulo, algumas vezes se apresentando de forma recitativa com fundo musical, histórias dramáticas ou humorísticas pintando ao vivo e à cores a paisagem agrestina ou um acontecimento qualquer.

Gonzaga e Jackson são os mais representativos do ciclo fundador de uma identidade iniciada nos anos de 1940, consolidada na década seguinte, reconhecido e se imposto no final dos anos de 1960 e início dos 70, quando os tropicalistas Gilberto Gil, Caetano Veloso, Gal Costa e outros passaram a interpretar esses nordestinos, trazendo dos porões do esquecimento esses gênios que estavam confinados por força do mercado usurpado pelas bandas e intérpretes de novas expressões que pouco tinham, e ainda hoje não têm, com as originalidades da ►



Chico Pereira (E) e Antônio Barros (D), em foto de janeiro de 2021: autor de 'Homem com H' formou o trio Mata Sete com Zé Calixto

► música nordestina. Isto colaborou para a revitalização da música local no Nordeste e noutras regiões do país, também por conta do interesse acadêmico e dos historiadores que passaram a enxergar a musicalidade nordestina no viés da ciência, contribuindo para seu reconhecimento e respeito.

Nesse panorama da interpretação, reconhece-se o virtuosismo de Zé Calixto na sanfona de 8 baixos, e de Genival Lacerda no palco, como dois importantes representantes da música nordestina extrapolando as fronteiras locais, cada um no seu feitio, durante décadas presentes no panorama brasileiro, o primeiro revelando-se, indiscutivelmente, como o mais original de todos os tocadores de fole, instrumento de origem europeia que melhor se adaptou ao universo do forró, seja como solista ou no acompanhamento dos trios e bandas. Não há sonoridade mais marcante, ou primitiva, que chegue a se igualar ao fole, quando nas mãos de um gênio, como é o caso de Zé Calixto, herdeiro de uma nobre linhagem de tocadores que tem hoje em seu irmão, Luizinho Calixto, um desses intérpretes, atualmente professor desse instrumento na UEPB, uma das únicas universidades do país a se dedicar a seu ensino, junto a ou-

tros, como os de percussão, destinados a formação de jovens músicos que já atuam e atuarão no mercado da música nordestina.

Morto aos 87 anos no Rio de Janeiro, onde vivia, no dia 13 de dezembro de 2020, José Calixto da Silva sofria de Alzheimer, já tendo por força da doença deixado de lado sua eterna companheira musical já algum tempo. Por tradição, aprendeu a tocar ainda criança no fole do seu pai, que era conhecido forrozeiro, este também aprendiz dos antigos tocadores cuja formação vem das antigas eras cujos registros já assinalavam no início do século 20 a presença do fole nos bailes dos engenhos e fazendas, depois vulgarizados nos festejos populares, ao lado de píferos, de tambores e de violas, os primitivos instrumentos que abriam caminho para a formação dos trios de forró tal como conhecemos atualmente.

Mata Sete

Sem puxar o novelo para registrar suas biografias, exposta nas enciclopédias eletrônicas, fomos procurar Antônio Barros nesta

última terça-feira, 12 de janeiro de 2021, aproveitando a proximidade familiar e a saudade do sobrinho que escreve este texto, com toda segurança higiênica por conta da covid-19, certo que o compositor, que ano passado completou 90 anos, seria a melhor fonte para falar dessas duas notáveis figuras, já que o mesmo conviveu na intimidade de Zé Calixto e Genival Lacerda, a partir de Recife, onde o autor de 'Homem com H' já morava, atuando como músico das Rádios Associadas, lugar de partida de Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro em direção ao sucesso e reconhecimento no Rio de Janeiro.

Antônio Barros, possivelmente o último dos moicanos dessa geração, conheceu Calixto nos anos de 1950, quando precisava de um tocador de fole para formar um trio, onde ele seria cantor e tocador de triângulo, seu irmão, Mauro Barros, zabumbeiro, e Zé Calixto, tocador de 8 baixos. Seria o Conjunto Mata 7, aproveitando o estrondoso sucesso do 'Mata 7', um rojão de autoria de Venâncio e Corumba, interpretada por Zito Borborema, outro grande artista da época, também de origem paraibana, de Taperoá.

Zé Calixto já era famoso na Serra da Borborema e fazia suas paradas nas rádios locais e se firmava como um puxador de fole de primeira linha. O conjunto, que foi pioneiro dos tantos que viriam depois, como síntese desse modelo, não prosperou. Mas deixou uma amizade indelével entre Antônio Barros e Zé Calixto, que se consolidaria no Rio de Janeiro quando ambos foram tentar a sorte na Cidade Maravilhosa, seguindo os passos de Gonzaga e Jackson, estes já gozando da fama que só aumentaria com o tempo.

Campina-Recife-Rio

Calixto voltou a Campina Grande ao mesmo tempo que chegava, em Recife, Genival Lacerda para cumprir o mesmo ritual da roda da fortuna que o levaria a fama, dessa rota Campina, Recife e Rio de Janeiro, a mesma de tantos outros paraibanos que seguiram esse mesmo caminho, praticamente hoje redirecionada a nova capital nacional da fama e da cultura, que veio ser a cida- ►



Dono de uma voz peculiar, meio rouca, meio dura, mas firme na interpretação dos ritmos, Genival Lacerda se consagraria como cantor e ator

► de de São Paulo, também a maior população de nordestinos, naturalmente plateia cativa para a manutenção desses valores musicais que de lá se espalha pelo Brasil afora.

Com ar nostálgico, Antônio Barros, nessa breve conversa desdobrando lembranças, fala de um Genival Lacerda ainda magrinho, sem aquela pança que viria ser, no futuro, sua marca, rebolando diante das plateias sem o menor pudor. Dono de uma voz peculiar, meio rouca, meio dura, mas firme na interpretação dos ritmos, esticando sempre a primeira frase musical das letras, cavando seu lugar no disputado terreiro musical dos calouros das rádios recifenses, participando de tudo que pudesse consolidar uma carreira, interpretando, geralmente, as criações musicais de Jackson

do Pandeiro, de Gonzagão e de outros já reconhecidos autores, esforço que o levaria também ao Rio de Janeiro, onde se consagraria como cantor e ator de uma coreografia própria, que bem poderia estar nas obras de um Ariano Suassuna, no meio dos João Grilo, dos Chicó e dos circenses que tanto influenciaram o dramaturgo paraibano/recifense.

Calixto e Genival são extremos de uma mesma corda cujas fibras

torcidas e enroscadas por tantos agentes poéticos vão das mais sutis as mais desbaratadas criações musicais onde tudo cabe, a paisagem sensível dos lugares, os amores encontrados e perdidos, as celebrações festivas sagradas e profanas, os fenômenos da natureza, as contradições sociais, o humor as vezes bem próximo da safadeza do duplo sentido onde nela Genival foi um aluno aplicado.

A música sem voz, instrumental, virtuosíssima de um Sivuca levando a sanfona aos limites possíveis da sonoridade poética, influenciando gerações. Do fole nas mãos de um Zé Calixto dele extraíndo o som que outro jamais conseguiria seja na interpretação solitária ou nos animados forrós da sua carreira, como provam seus registros em gravações.

Ambos senhores de significativa discografia, cujo marco já estabelecia, tempos atrás, um lugar privilegiado no panorama musical nacional de raízes nordestinas, num universo de reis e rainhas coroados, como Luiz Gonzaga - o Rei do Baião, Jackson - o Rei do Ritmo, Marinês - a Rainha do Xaxado, Zé Calixto - o Rei do 8 baixos e Genival Lacerda - o Rei da Munganga. Este, indo além do reinado, consagrando-se na República como o Senador do Rojão.

Falecido em Recife no dia 7 de janeiro deste ano em decorrência da covid-19, Genival Lacerda encerra um ciclo histórico de compositores e intérpretes nordestinos que iniciou nos anos de 1940 uma identidade musical cujo legado define um perfil cultural que ultrapassa fronteiras e resiste as pressões do mercado ávido por novidades, alimentado pela mediocridade onde impera grandes espetáculos de aparatos tecnológicos e mediocridade artística, como muito bem afirma Cécéu, companheira e parceira de Antônio Barros, cujas algumas criações dela e de A. Barros foram gravadas por Genival, a exemplo de 'Procurando tu', 'Segura a cabra', 'Óia eu aqui de novo', 'Velho sapeca', e vai por ai... ✖

Chico Pereira é artista plástico, professor aposentado da UFPB e membro da Academia Paraibana de Letras. Mora em João Pessoa.

Um novo livro

SOBRE A RADIOFONIA PARAIBANA

José Octávio de Arruda Melo
Especial para o *Correio das Artes*

Gonzaga Rodrigues, em antiga crônica, ressaltou o cinema como a principal diversão das décadas de 1950 e 1960, quando a sétima arte representava “a vida passada a limpo”. Antes do cinema, o principal lazer da classe média residia nos circos tematizados pelo professor paulista Vicente de Paula Araújo (1981).

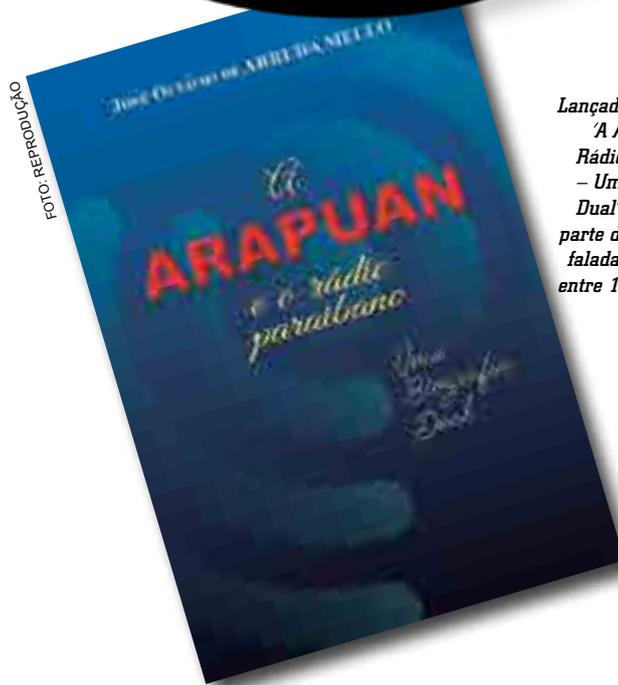
Quando, porém, os circos principiaram a decair, quem concorria com os cinemas eram os programas de auditório das emissoras de rádio que possuíam, na Rádio Nacional do Rio de Janeiro, fundada em 1935, o seu referencial.

Historiografia do rádio paraibano

Seguramente por isso, a historiografia paraibana tem aberto crescentes espaços para a radiofonia.

Valham como exemplo os estudos de Hayton Santos, José Octávio/Nilton Tavares, Pereira do Nascimento, Moacir Barbosa, Antonio Clarindo de Sousa e colegas de Campina Grande, Gilson Souto Maior e Josélio Carneiro.

Enquanto Hayton, que foi locutor da Rádio Tabajara, ocupou-se principalmente, dos progra- ▶



Lançado em 2020, *'A Arapuan e o Rádio Paraibano – Uma Biografia Dual'* reconstitui parte da imprensa falada da Paraíba entre 1949 e 1978

▶ mas de auditório dessa, em *O Rádio Paraibano em Álbum de Recordações – 1932-60* (1960), Octávio e Tavares voltaram-se para o conjunto da emissora oficial em livro álbum de 1987.

Já Pereira do Nascimento, que militou no rádio teatro e Moacyr Barbosa, antigo diretor artístico da Arapuan, tematizaram O rádio paraibano em dois livros de força – *História da radiodifusão da Paraíba* (2003) e do *Gramofone ao Satélite* (evolução do rádio paraibano), em 2000.

À margem Antônio Clarindo Barbosa, Flavianny Guimarães e Gorette Sampaio, debruçados sobre a radiodifusão campinense, os autores de maior incidência sobre as emissoras paraibanas são Gilson Souto Maior e Josélio Carneiro. Ao tempo em que Gilson se sobressaiu com *Rádio História do Jornalismo* (2015), Josélio publicou inúmeros títulos entre os quais *Rádio Tabajara – Patrimônio Cultural da Paraíba* (2017).

A Arapuan de Orlando e Otinaldo

Foi atentando para essas realizações que me decidi, biografando dois experts da radiofonia paraibana, focalizar uma de nossas mais simpáticas emissoras.

Os radialistas são Orlando Vasconcelos e Otinaldo Lourenço que, como fundador e modernizador da Rádio Arapuan de João Pessoa, conhecida ZY-X2, se tornaram legítimos pontoneiros das ondas hartzianas pessoenses.

Daí resultou *A Arapuan e o Rádio Paraibano – Uma Biografia Dual* que, com 160 páginas, reconstitue a imprensa falada da Paraíba, entre 1949 e 1978.

Principiando pelas origens surubinienses de Otinaldo – como natural da terra de Capiba e Charrinha – o livro fixa-se em Orlando Vasconcelos, o antigo locutor da Rádio Tabajara que dispunha de amplificadora no Ponto de Cem Réis. Graças ao interesse do ministro Pereira Lyra, como Chefe da Casa Civil da Presidência da República, esse sistema de autofalantes tornou-se o embrião das Emissoras Paraibanas, Arapuan de João Pessoa, Caturité de Campina Grande e Espinharas de Patos, em 1950.



Estudioso do assunto, o radialista Gilson Souto Maior assina o prefácio do livro

Dispondo de Orquestra e Regional, a Arapuan inicialmente inspirou-se no modelo da homônima Rádio Tabajara cujos programas de auditório, liderados por Pascoal Carrilho, Jacy Cavalcante e Gilberto Patrício, então marcaram época, sob a direção geral de Antônio Lucena.

Foi sob a direção artística de Otinaldo Lourenço, com o aval de Orlando Vasconcelos, que tudo mudou. Substituindo a Cidades Alves e Dulcídio Moreira, o novo diretor artístico empreendeu a mais profunda renovação do rádio paraibano, com extensão a Campina, Patos e, principalmente, Cajazeiras.

A emissora do bom gosto

Por volta de 1959, nascia a “emissora do bom gosto”. Subordinada

ao slogan “Se Arapuan não deu, o público não sabe o que aconteceu”, sua estrutura girava em torno do tripé “Música, Esportes e Informação” com milongas como hora certa, Plantão Arapuan e serviço de utilidade pública.

Eliminando os antigos programas de auditório e velharias como Hora do Angelus e execução do Hino Nacional, na abertura e encerramento da programação, a Arapuan partiu para sequências que marcaram época, como “Mesa de Redação”, “Horóscopo de Omar Cardoso”, “Jornal Sensacional”, “Rádio Esporta”



tes Ewaldo Wanderley”, “Antena Política” e “Dramas e Comédias da Cidade”.

A parte musical escorava-se através de criações como “Big Show do Bolinha”, “Fim de Tarde”, “Clube dos Amigos da Noite”, e “João Pessoa Zero Hora”, apresentadas por locutores especializados como Airton José, Nauda de Abreu e Francisco Rammalho (“Francis Rafrán”).

Aos finais da semana, a programação caprichava mediante horários como “Você pergunta e a Arapuan responde”, a cargo do sociólogo Aníbal Peixoto Filho, o humorista “Futucando”, celebrações católicas, evangélicas e umbandistas, e o programa de entrevistas “Mandando Brasa”, da maior audiência.

Um livro pluralista

Com participação e prefácio de Gilson Souto Maior e complementação de Assis Tito, fotos de Alex Santos e posfácio do ex-Secretário de Comunicação Luiz Torres, que trouxe a Arapuan até nossos dias, *A Arapuan e o Rádio Paraibano – Uma Biografia Dual* é o que se pode denominar um ensaio plural.

Uma de suas evidências con-



Josélio Carneiro é autor de inúmeros livros sobre as emissoras de rádio na Paraíba

siste na resistência ao regime militar, em razão do que chegou a ser retirada do ar, em outubro de 1968. O livro ocupa-se de delicadas questões como o programa do Arcebispo Dom José Maria Pires, crítico do sistema castrense. Crise da legali-

A historiografia paraibana tem aberto crescentes espaços para a radiofonia com a publicação de livros

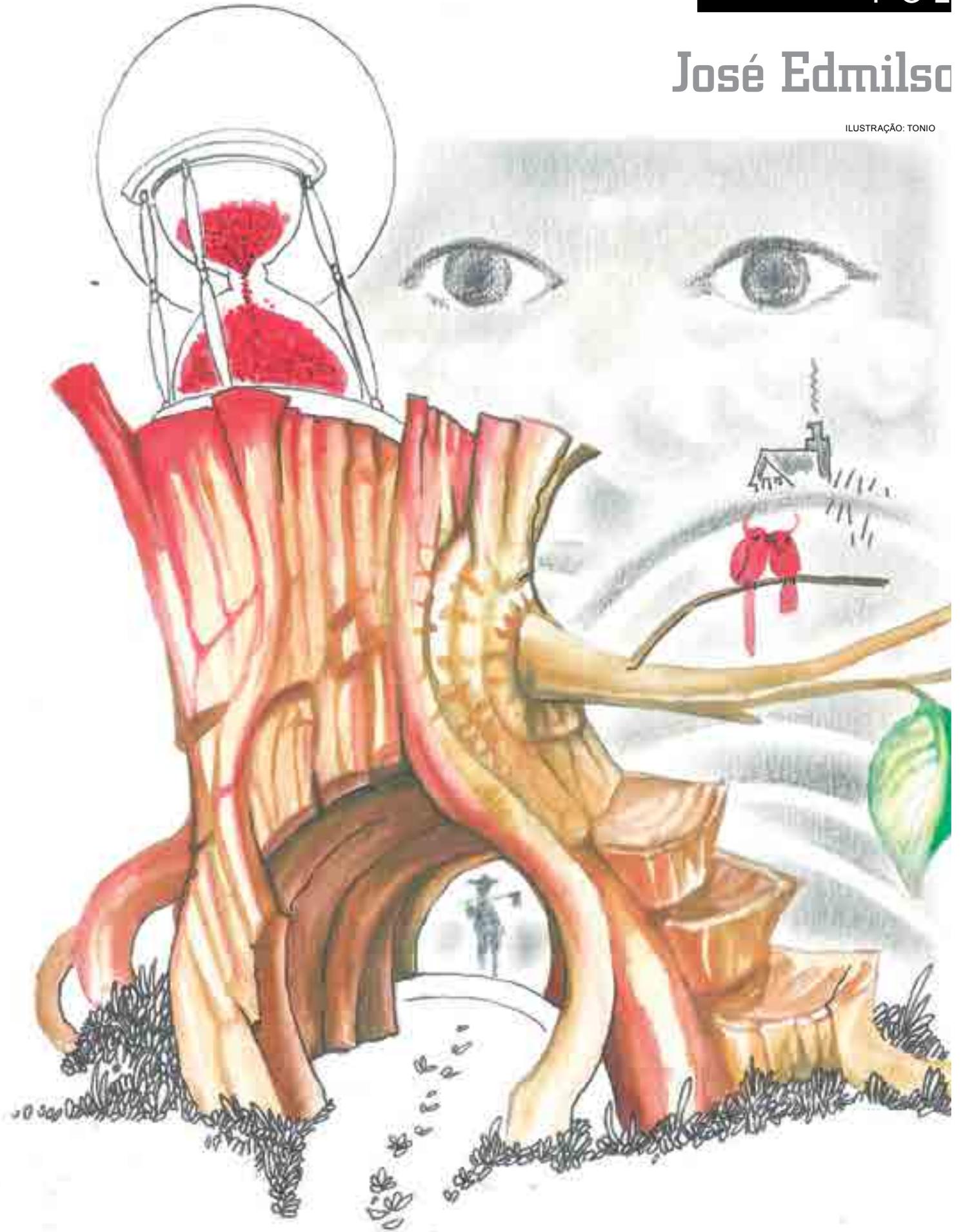
dade, em 1961. Levante militar de março/abril de 1964. Explosão de paiol de munições do 15RI em madrugada de 1969 e derrubada do governo chileno de Salvador Allende a 11 de setembro de 1973.

Nesse último a Arapuan chegou a anunciar contra ofensiva legalista, liderada pelo General Carlos Pratts, do qual a seguir recuou. Tratava-se de rebate falso, divulgado por partido político de Roma, na Itália, mas não confirmado pelas BBC de Londres, Voz da América dos Estados Unidos e Jornal do Brasil do Rio de Janeiro, emissoras com que se relacionava a ZY-X2. ✦

José Octávio de Arruda Melo
Historiador de ofício, com doutorado pela USP e pós-doutorado pelo IEB/USP. Autor de *Nova História da Paraíba – Das Origens aos Tempos Atuais* e *Faculdade de Direito PB63 – A Última Turma do Populismo*, ambas de 2009.

José Edmilso

ILUSTRAÇÃO: TONIO



in Rodrigues

Sorrindo

Rir do outro não,
quero rir com o outro
e com o outro
conjugando a amizade
e rir com a vida.
Rir do outro não,
rir com ele.
E você sendo o outro,
risivelmente ridículo,
rir-se, rindo do outro.

Olhos da vida

Não me olhem com outros olhos,
me mirem com os mesmos
que ainda estão em vocês.
O futuro é bem próximo,
pertinho, pertinho.
O passado está ficando distante...
Mas as lembranças
ecoam nos dias de hoje.
O que amo é agora,
do que amei ficou o toque...
O lirismo da paixão
e sua agonia.
De tudo: a cor da vida é o sangue,
jorra em qualquer ser vivo,
não é azul: é encarnado,
e, às vezes apavora.
Porém, é a vida
que circula, e a morte ronda há séculos.
Os olhos do tempo nos vêem e nos levam,
além da alma.
Os meus olhos, por vezes
estáticos e, por muitas, buliçosos,
continuam olhando a vida...
E o que amo, amo, e não se extingue.

Gravetos da memória

Não vou cortar a lenha,
a vontade impõe um atitude
e acho que sou um bom rebelde.

O tempo da roça me faz bem,
continuo um homem do campo,
anoitecendo e amanhecendo cedo.

E caminharei entre amores
diversos, perversos e inteiros
que o impulso os precipita.

E quando me alcançar me mirando,
serei o espelho invertido
e voltarei à lenha fatiando-a

em breves pedaços
para abrolhar vida
e embeber a alma.

Não quero talhar o madeiro,
quero de volta a chama
que havia nos olhos dos pais

e que a terra ressequida roubou.
Não quero abrir o lenho,
pois, ainda há fogo

na cozinha do tempo dos velhos
e o humano graceja como gente:
bença mãe, bença pai.

Não quero cortar a lenha -
o ventou danou-se no tempo
e somou-se à metáfora da vida.



José Edmilson Rodrigues nasceu em Campina Grande-PB. Poeta, ensaísta. Advogado. Mestre em Literatura e Interculturalidade. Autor de *A Solidão dos Olhos e As Vertigens do Tempo, Poesia (Mondrongo, 2018)* e *A Poética do Ridículo - Crônicas & Ensaios (Mondrongo, 2019)*.



Gil Jorge

O livro se chama “Mínimas” e foi publicado em 2019 pelo Selo Demônio Negro, de São Paulo. Todavia, a tipologia das letras da capa permite que se leia “Minhas Mínimas”. Este jogo tipográfico é o mote visual de Gilberto José Jorge, ou Gil Jorge, como ele assina, nascido em Santo André-SP, em 1960. Da caligrafia gestual à tipomorfia digital, trabalha a poesia visual com filigranas luminosas.

Poeta, editor e promotor de eventos culturais. Boa parte dos poemas que

realizou desde os anos 80 se situa na vertente de uma caligrafia gestual e tipográfica. Foi co-organizador da mostra Poesia Evidência, em 1984, na PUCSP; coeditor da revista de caligrafias impressa em serigrafia pela Entretempo, AGRRAFICA, em 1987; coeditor do álbum Atlas, com mais de 80 participantes, entre cineastas, artistas plásticos, poetas, músicos etc. Participou com vários poemas ao longo das edições da revista Artéria, editada por Omar Khouri e Paulo Miranda. Vive em Paraty (RJ).

Poesia visual não é, apenas, desenhar um objeto com as palavras que o significam. Por exemplo: formar a palavra paz com palavras que conformem sua imagem. Isso é caligrama, a forma mais elementar de poesia visual. Elementar porque óbvia, didática. E a poesia foge disso. Poesia é desvio do uso do idioma (Jean Cohen), é ambiguidade (Jakobson), etc.

Nem é apenas desenhar, ou desenhar com letras ou com símbolos gráficos. Isso pode ser arte gráfica ou artes plásticas.

Pedro Xisto criou um poema que

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Jogo tipográfico: na capa de 'Mínimas', é possível ler 'Minhas Mínimas'



Gil Jorge: tipografia carregada de sentido em alta voltagem



Poema concreto: em 'Zen', de Pedro Xisto, palavra e desenho se conformam em perfeita harmonia

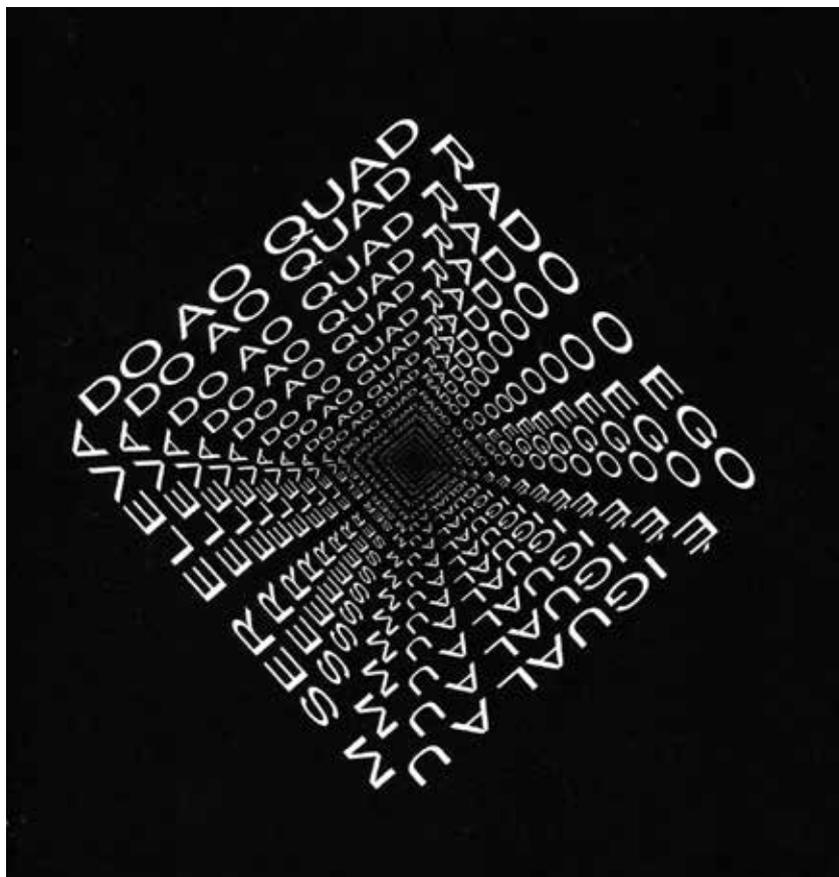
◆ festas semióticas

- ▶ aparentemente é mero geometrismo. Uma obra de arte plástica abstrata. No entanto, é um poema concreto. Trata-se do memorável poema “Zen” (1966).

Nele, as letras Z E N foram unidas por um traço dando origem a um retângulo que as camufla e, à primeira vista, deixa transparecer apenas as figuras geométricas: triângulos e retângulos. Este é um caso em que a palavra e o desenho se conformam em perfeita harmonia, para usar um dos termos caros ao pensamento zen.

Por fim, poesia visual envolve palavra e tipologia, no jogo de forma e sentido, na espacialização do branco da página.

Engano supor que a poesia visual seja invenção da modernidade. Bem lá atrás, três séculos antes de Cristo, Símiás de Rodes já escrevia “O ovo”, o primeiro poema visual de que temos registro.



Poesia visual envolve palavra e tipologia, no jogo de forma e sentido, na espacialização do branco da página



A Poesia Concreta é visual ao seu tempo de implantação do movimento. Com o passar dos anos, foi deixando, em parte, o lado visual e se fixando em outros de seus outros princípios. A produção atual de Augusto de Campos é de poesia visual, mas não é concreta, já que o poeta deixou de praticar, segundo declarações dele mesmo, este tipo de poesia há anos.

Gil Jorge revela-se influenciado por Apollinaire (divulgador dos caligramas nas vanguardas europeias), Edgard Braga, Augusto dos Campos, Arnaldo Antunes, Walter Silveira, Tadeu Jungle. Mas sem dúvida encontramos em sua poesia também a presença de Joan Brossa Pedro Xisto, Vladimir Dias Pino.

► Em Gil Jorge, enquanto a tipografia é explorada, ela vem carregada de sentido em alta voltagem. Os poemas expressam com ironia, desencanto, humor, erotismo, afronta, um modo de ver o mundo que nos remete a um Gregório de Matos.

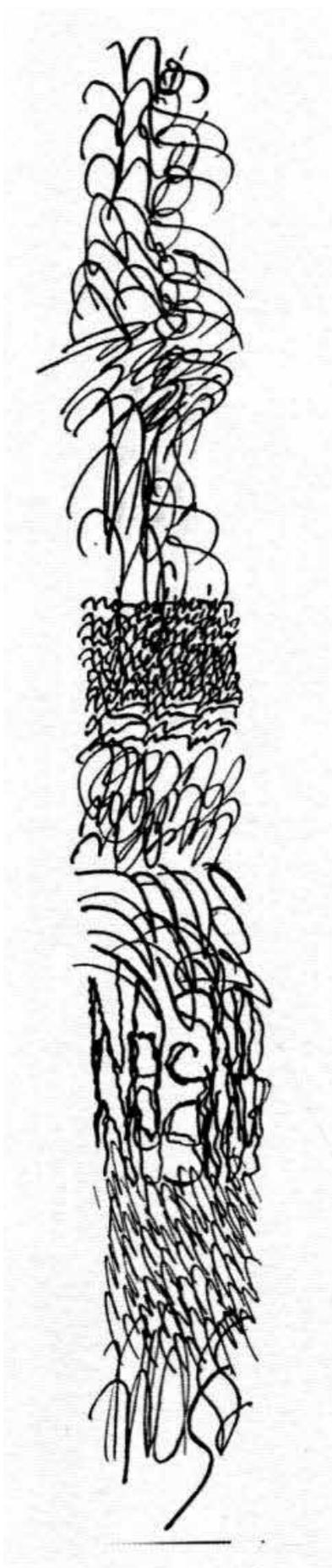
“planos / após anos após anos após anos / planos” ou “planos / anos após sapos anos após sapos anos após sapos anos / planos” do poema “engolindo sapos” vem grafado numa tipografia em que uma linha corta e une as letras numa continuidade cotidiana. Ler é vasculhar, descobrir e ver sentidos. Daí a importância da exploração do olhar perscrutador nos poemas de Gil Jorge.

O poema “Ego”: “o ego é igual a um ser elevado ao quadrado”, é um verso irônico cujo desenho conduz a um afunilamento que engole todo o ego, todo o ser elevado ao quadrado, todo o poema.

Ao visualizar o poema, mais do que lê-lo, percebe-se que mais do que irônico, ele é sarcástico. A tipografia toda em maiúscula e em branco num fundo negro realça a importância do que diz. Mas as palavras “quebradas” nas sílabas para que caibam no quadrado já iconizam a ironia da necessidade de se adequar à forma (*status*) para satisfazer à necessidade (aparência).

Visto à distância, o poema lembra um poço e seu fundo e a similaridade com a narrativa de Narciso inevitavelmente vem à tona: de tanto envaidecer-se, afoga-se. Aqui, o ego, igual a um ser elevado ao quadrado, acaba afunilado.

Os dois lados do poema – o ego e o ser ao quadrado – são comentados nas duas páginas que o compõem: a do título é



branca com o nome do poema em negro e da poema, como vimos, é ao contrário. Frente e verso, vida e morte, eros e psiquê. E como se não bastasse, o quadrado está apoiado sobre um de seus ângulos e não sobre uma de suas bases, como é de praxe, o que imprime sensação de movimento e vertigem de profundidade.

Gil Jorge trabalha a caligrafia gestual como elemento constitutivo estrutural de sua poesia visual. No caso do poema “Nós” salta aos olhos, de imediato, que ele explora a ambiguidade do termo: 1. Substantivo plural: entrelaçamentos; empecilhos; problemas; 2. Pronome pessoal: primeira pessoa do plural. Por isso a caligrafia desenha entrelaçamentos que remetem a abraços, cópulas amorosas mas também a atritos, choques, divergências. A escolha pela verticalidade da caligrafia sugere um aspecto cinematográfico das imagens e, conseqüentemente, sugerir mais cenas em cada bloco.

Em “Mínimas”, poesia visual, não há prevalência da forma. Isso é curioso, raro e rico. Forma e semântica caminham juntas, inter-relacionadas, entrelaçadas. Diria mais: amalgamadas. Por isso é um livro para se “vler” (ver-ler ao mesmo tempo), na terminologia de Décio Pignatari. ❖

Amador Ribeiro Neto é poeta, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)

SOBRE COISAS NADA INÚTEIS: **o livro de** **Hildeberto**

Luzilá Gonçalves Ferreira
Especial para o *Correio das Artes*

M

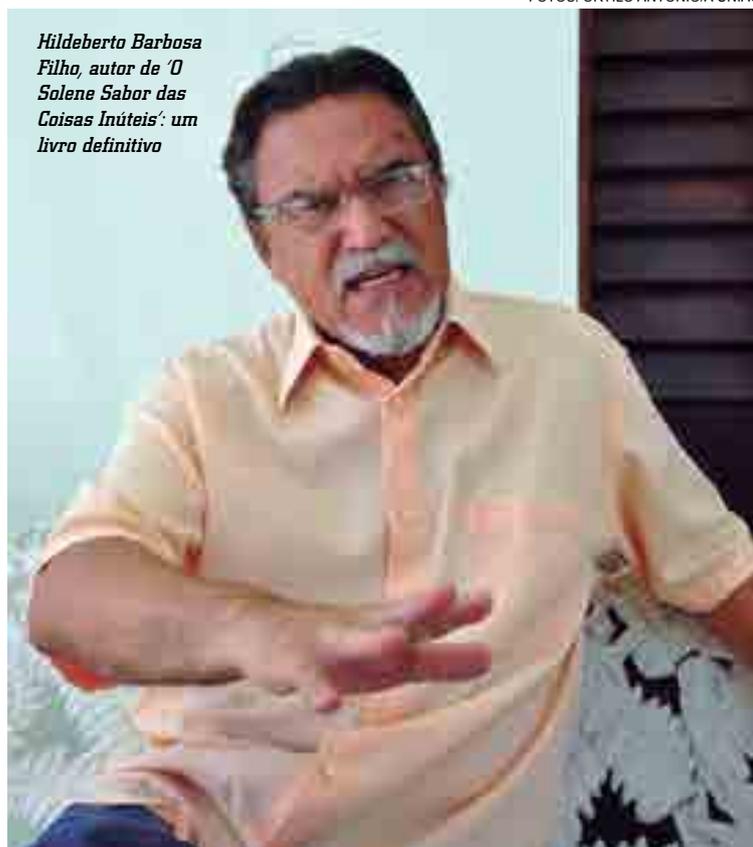
ergulhados, todos, no meio de acontecimentos incontrolláveis, indecifráveis, estranhos, num mundo que se tornou, de repente, apocalíptico, a vida diária é algo a se refazer, se repensar, e a realidade a que nos havíamos acostumado ficou irreconhecível. As notícias e mensagens que nos chegam, via mídias, instalam desconfiança com rela-

ção às palavras e seu alcance em nós, e de repente, um livro surge, uma luzada de ar fresco, de leveza, de beleza, essa coisa de que um poeta afirmou ser uma alegria para sempre. Seu título: *O Solene Sabor das Coisas Inúteis*, e seu autor é Hildeberto Barbosa Filho.

Professor, crítico literário, jornalista, cronista, sua vocação (?) de poeta se afirmou, ao longo do anos, quando, em 1986, publicou *A Geometria da Paixão*, polêmico desde o título. Este seu último livro, quase anunciado como um canto de cisne, é o balanço de uma vida de que o poeta confessa a longevidade, em seus 66 anos, cujo termo o leitor gostaria de ver procrastinado (gostaram da palavra?). Para o bem da poesia e de nós todos, meu irmão.

Um livro definitivo, não porque seja o último de uma série de 17, mas porque, nele o poeta alcança a depuração da forma, no trato com a palavra, com a expressão contida e, entretanto, desprovida da censura a que se submete, mesmo inconscientemente, qualquer criador às voltas com seu material de trabalho. No desejo de comunicar e talvez, repartir com alguém, ▶

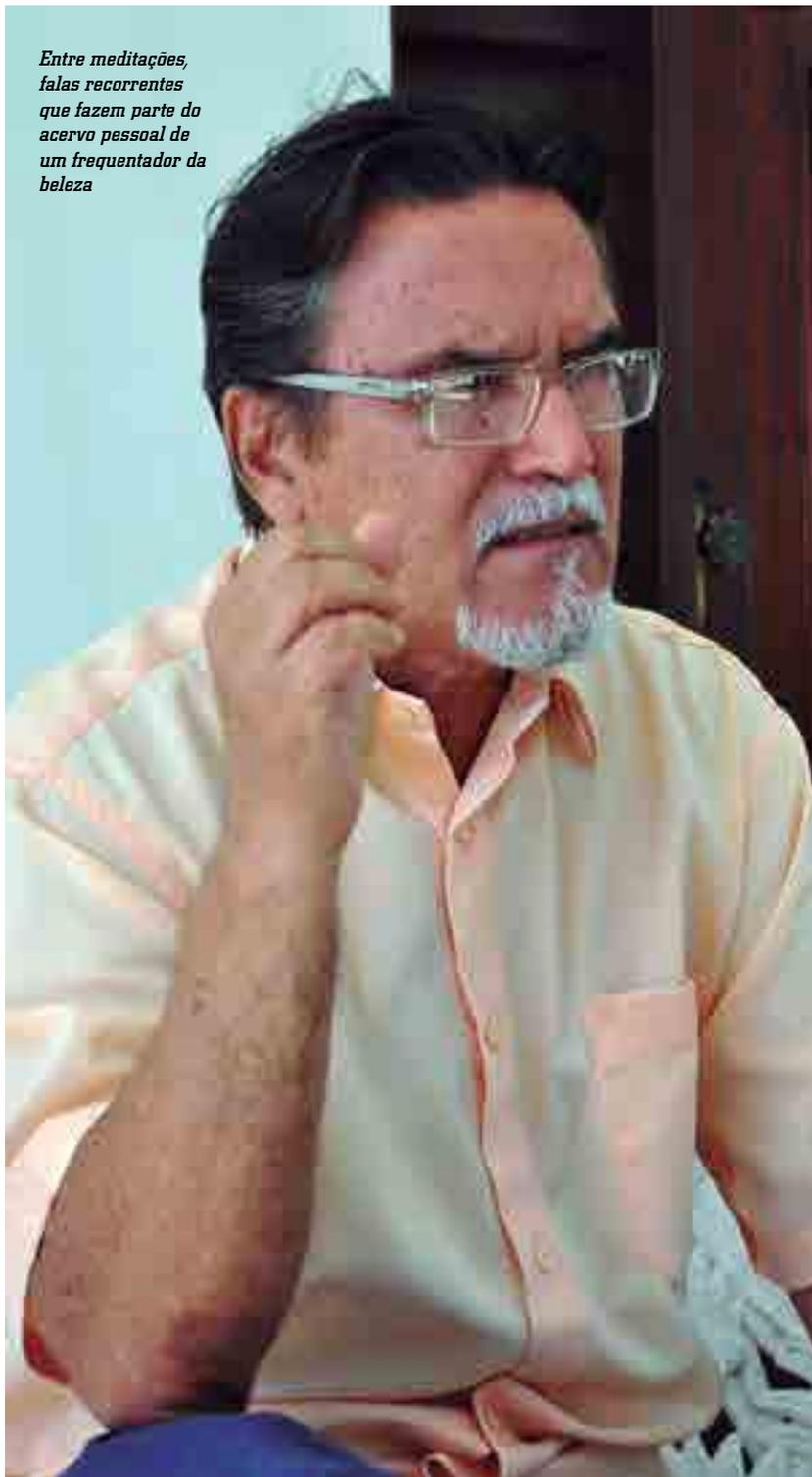
FOTOS: ORTILO ANTONIO/A UNIÃO



Hildeberto Barbosa Filho, autor de 'O Solene Sabor das Coisas Inúteis': um livro definitivo

› seu jeito de sentir as coisas, de acrescentar uma pedra à construção do mundo. E sobretudo no caso da poesia, enfrentar aquela luta corporal de que fala o querido Gullar.

Tudo cabe aqui. A recuperação do passado encontra a poesia nas imagens da infância e o amor pela terra natal, pobre, feia, calcinada, um Cariri que restou na memória, “entranhada de beleza em cada gota de silêncio” e permanece na paisagem:



Entre meditações, falas recorrentes que fazem parte do acervo pessoal de um frequentador da beleza

“Estou vivo em cada marmeleiro
E canto suas folhas mortas
Suas súplicas sem destino”

E o verso se desloca pelos caminhos do coração:

“ Mais uma vez aqui onde nasci
Entre urtigas e cardeiros,
certo de que a palavra é a única paisagem.”

Nessa paisagem antiga, vivem os animais, recuperados pela memória e pela palavra. O canário alimentado “com alpiste e sonho”, o cavalo Soberano, ser alado, com o qual ainda hoje o poeta galopa o poema e cavalga a solidão, um companheiro:

“Somos tão só,
Tu, com a tua velocidade,
Eu, com a eternidade que me resta.”

E havia, no curral, o boi Labirinto que espiava o menino “indiferente à dor do mundo e ao chicote do vento que a vida vergastava.” E o poeta, já adulto, retoma pela palavra as duas pontas da vida:

“eu era menino:
não sabia do destino que me esperava,
muito além da porteira, no fim da estrada.”

Na terra seca, a chuva era um milagre que se refaz ainda hoje: “Passei a vida com falta d’água/ quando chove, eu chovo/ também dentro de mim.” Uma chuva que continua no coração, fazendo florescer de novo “terras mais ásperas” no passado e no presente: o passado é matéria da poesia no momento em que o poema se faz. E o presente do poema é reflexão sobre sentimentos, gestos, acontecimentos, encontros, sensações com os quais a vida nos constrói, ›

autor, leitor, refeitos pela palavra. E aqui se encontram a solidão no barzinho em final do dia, rostos de amigos, do pai, da amada, da mãe, “ que se sufocou na névoa do tempo”, presentes na realidade ou apenas na memória, recuperados pela fala poética. Como seria de esperar nesta espécie de balanço que faz o poeta, do que realizou enquanto indivíduo que se quer e confessa não ter “ ambição de glória nem de fama”, o sempre presente amor pelas coisas que nos cercam, na concretude dos dias, ao modo do *poverello* de Assis:

“Gosto mesmo é do sol,
Do silêncio, da chuva, da terra,
dos bichos miúdos,
dos infelizes.”

E confessa, no poema Profissão de fé, algo de que já desconfiava o leitor:

“Gosto também de solidão,
e muito, muito de poesia,
que tem sido o meu mundo
dentro do mundo”.

As afirmações ou reflexões de ordem metafísica acontecem ao longo do livro, importantes, mas enunciadas com leveza, como se o poeta não se levasse muito a sério. Entre essas meditações, algumas pinçadas aqui e ali, em outras falas recorrentes na história ou na literatura, que fazem parte do acervo pessoal de um frequentador da beleza. Que pais é esse, pergunta o poeta com Affonso Romano. Meu fim é o meu começo, retoma Elliot, também lembrado na tradução da terra devastada. Lembra Hemingway na ilha de Cuba: era o peixe ou o velho? Fosse Pessoa faria um poema maior. Melhor reler Dante, saborear a terza rima. Tive gado, tive fazenda; O primeiro amor não passou. Durma, que dormir é morrer. Estes empréstimos se fazem às vezes de modo mais evidente: “Neste reino habito/ páginas de Proust, azuis de Paulo / amarelos de Van Gogh.” Nessas meditações, alguns empréstimos poéticos tão bem incorporados ao texto, só detectados por amantes da poesia, encontramos o questionamento sobre a pessoa de Deus, abordado com a intimidade que encontramos, por exemplo, na poesia de

FOTO: DIVULGAÇÃO



Rainer Maria Rilke, que um dia perguntou ao Criador, o que faria se ele, poeta, morresse. No poema intitulado Deus, Hildeberto coloca afirmações usuais na voz de descrentes, fazendo e desfazendo supostas temáticas, servindo-se de um vocabulário ora deliberadamente familiar, ora tomado à teologia: Deus é a verdade, é sozinho, é grandeza, é esperança, é solerte. Mas pode ser objeto de uma fala descontraída, íntima, familiar, que incomodaria teólogos e crentes, mas que diverte certamente o leitor mais exigente:

“Eita bicho silencioso é Deus!
Seu silêncio é o que mais me agrada
na sua grandeza.
Gosto também quando ri
como uma criança e me fala
da esperança que devo ter.
Para viver, para morrer.”

Como agradecer a Hildeberto, todas essas afirmações de construções poéticas, com a beleza de expressão na fé da Poesia, num livro quase resumo de uma vida passada a limpo? ✦

Luzilá Gonçalves Ferreira é professora de língua e literatura francesas, pesquisadora e escritora. Tem vários livros publicados, entre os quais 'Os Rios Turvos' e 'Muito Além do Corpo', que receberam prêmios nacionais, e 'No Tempo Frágil das Horas'. Ocupa a cadeira 38 da Academia Pernambucana de Letras.



ensaio

FOTOS: REPRODUÇÃO

*“Gosto de mulheres.
Gosto da sua
informalidade.
Gosto da sua totalidade.
Gosto do seu anonimato.
De sua inteireza...
Nunca fizeram uma
descoberta, sacudiram
o Império... Geramos e
instruímos e lavamos.
Sem nosso trabalho
os mares não seriam
navegados, e as terras
seriam um deserto”.*
(de ‘Um Teto Todo Seu’)

Virginia Woolf

— Parabéns pra Você!

Ana Adelaide Peixoto
Especial para o *Correio das Artes*

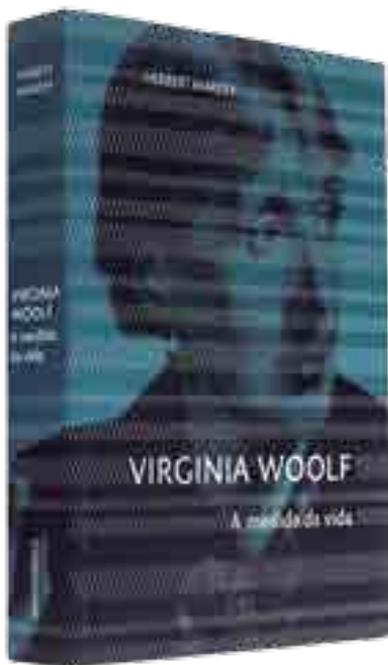
No dia 25 de janeiro, a escritora inglesa Virginia Woolf completaria 138 anos de vida, se assim fosse possível viver tanto. Mas somente na década de 1980 que eu comecei a me interessar por essa escritora que, a cada vez que leio algo, me surpreendo mais e mais. Recentemente, pelo Natal, ganhei sua mais nova biografia: *Virginia Woolf – A Medida da Vida*, de Herbert Marder.

A primeira vez que ouvi seu nome mais atentamente, ironicamente, foi através da peça do dramaturgo americano Edward Albee, *Quem Tem Medo de Virginia Woolf*. O título é, por demais, intrigante, quando aparentemente a peça trata dos desencontros de um casal classe intelectual, que vive no rancor e no vazio. Anos depois, tive a oportunidade de assistir a essa mesma peça, com a brilhante atriz Lillian Lemmert, durante data especial, no Rio de Janeiro, com direito a muito choro no palco, onde vida e arte se misturavam com texto, emoção, falas e aplausos.

Quando fazia meu mestrado na Universidade de Warwick (Inglaterra), já no final da década de 1980, tive acesso aos livros de Woolf, aulas sobre sua importância e, mais que tudo, ao boom dos estudos das escritoras mulheres, que enchiam as livrarias de Charing Cross; dos mais lindos lançamentos de Jane Austen, a própria Virginia, Rebecca West e tantas outras. *A Room of One's Own* estava entre os títulos mais estudados de Virginia, nesses já longínquos anos 1980, assim como os seus diários, cartas, romances, contos, e ensaios.

Desde então, fiquei muito impactada tanto pela contribuição inovadora ao romance moderno desse ícone feminista do início do século 20, como também no que dizia respeito às suas angústias existenciais, sobre os assuntos da mente, da crítica ao casamento, do lugar das mulheres no espaço público e, principalmente, no privado, e à questão da criação artística feminina.

Encantava-me, também, a sua forma de escrita – uma prosa poética (a poesia da existência),



Biografia de Virginia Woolf, 'A Medida da Vida' foi lançada em 2011 pela Cosac & Naify

como nos seus contos, em geral, e em 'Kew Garden', em particular, ao mesmo tempo sofisticada, mas acessível, e que mergulhava fundo em assuntos literários, (como nos ensaios teóricos, entre outros, 'Modern Fiction'), feministas (como nos contos 'Lappin and Lapinova' e 'The Legacy', onde trabalha a opressão do casamento na vida da mulher), ou, ainda, o ensaio clássico *Um Teto Todo Seu* e seu percurso sobre a escrita feminina ou ausência dela na História da Literatura Inglesa, ou ainda os filosóficos, como a questão da apreensão do instante, do inefável e do momento do ser, do 'Monday or Tuesday', ou do 'Blue and Green' (só para citar dois dos seus contos experimentais).

Virginia, com sua figura lânguida, o seu ar melancólico, sua escrita com toques de sofisticação, de luminosidade e de atenção ao instante que já foi, da apreensão da intuição dos afetos e, principalmente, sobre suas idéias pioneiras sobre mulher, mulheres, casamento, maternidade e a insustentável, mas nem tão leve assim, do ser e da vida, me fizeram querer mergu-

lhar. Mergulhar no devaneio, no sonho e na ambivalência e, também, na angústia do "há algo de ausente que me atormenta", dito por uma outra artista, a escultora Camille Claudel.

Como escritora, Woolf fez uso do fluxo de consciência e do monólogo interior; técnicas essas que se caracterizavam por formas fragmentadas e associativas, omissão de verbos, pronomes, artigos e conectivos, o que na grande maioria das vezes deixava as frases incompletas, assim como o pensamento. Woolf foi também responsável por investigar incansavelmente as questões da literatura feminina: a ausência das mulheres nas artes, a escrita feminina, a existência de uma sentença toda nossa, e principalmente a questão da valoração dos assuntos, ou seja, primazia dos assuntos masculinos frente às experiências do mundo doméstico feminino.

Woolf questionou amplamente a solidão da vida doméstica, a repetição e invisibilidade do trabalho da casa, como também a experiência do espaço da sala de estar, frente aos "grandes e importantes" assuntos como as guerras (na obra de Tolstói) e os mares (na obra de Hemingway e Joseph Conrad).

Woolf também enfatizava como esses valores masculinos, que direcionavam tanto a vida, como a ficção, também destruíam todo e qualquer vestígio de uma tradição feminina, quando dizia: "A História da Inglaterra é uma História de linhagem masculina, e não feminina. Sobre nossos pais, sempre sabemos de algum fato ou distinção. Mas, sobre nossas mães, avós, bisavós, o que permanece?"

Nos seus mais famosos ensaios (*Um Teto Todo Seu*, *Women and Writing*, *Professions for Women*, *Modern Fiction*, *Mr. Bennet and Mrs. Brown*) ela vai, de uma certa forma, se anteceder a muitos teóricos nas questões sobre representação, personagem, cinema e literatura. Woolf é enfática quando diz que acredita que "todos os romances começam com uma velha senhora na esquina da frente".

"Como se deve ler um livro?" >

► um outro ensaio do seu livro *O Leitor Comum*, Woolf, dentre outras coisas, fala também da construção de personagens: “Assim somos consumidos pela curiosidade sobre a vida destas pessoas – os serviçais fofocando, os senhores jantando, a menina se vestindo para uma festa, a velha senhora à janela com seu tricô. Quem são, o que são, quais seus nomes, suas ocupações, seus pensamentos e aventuras?”

Impressionante a discussão que Woolf faz da participação do leitor enquanto escritor do texto e da compreensão do personagem; que o escritor não está sozinho, mas com o público, e que ao contrário do que pensamos, de que o escritor é feito de diferentes ossos e sangue, eles não conhecem mais do personagem do que nós, leitores, cuja tarefa é insistir para que os escritores desçam dos seus pedestais e descrevam linda e triunfantemente a nossa ficção.

Em *Um Teto Todo Seu*, Woolf faz um passeio na história da literatura inglesa, apontando o silêncio e as diferenças encontradas pelas mulheres para exercerem seus talentos enquanto escritoras. O título se refere à um espaço de privacidade e intimidade, que se faz necessário para que essas possibilidades criativas aflorassem, como a própria escritora ressaltou: “É em nosso ócio, em nossos sonhos que a verdade submersa, por vezes, vem à tona”

Woolf também se antecipou às teorias de intertextualidade, quando definiu as estratégias narrativas: “Como um ninho vasto de caixinhas de ferro chinesas se mexendo incansavelmente, uma dentro da outra”, corroborando já uma outra frase de que: “Os livros continuam uns aos outros.” Uma caixa chinesa que faz parte de uma só cadeia e rede de textos e com esse movimento de elo e conexão, Woolf já teorizava sobre a inseparabilidade de vida e ficção, e o papel do inconsciente em ambas, como define numa citação clássica do seu texto teórico sobre ficção moderna, *Modern Fiction*: “A vida não é uma série de lampejos simetricamente arranjados; a



Woolf era enfática quando dizia que “todos os romances começam com uma velha senhora na esquina da frente”

vida é como um halo luminoso, um envelope semi-transparente, que nos cerca do início ao fim da nossa consciência.”

No que diz respeito às questões do sujeito, Woolf também questionou o universalismo do sujeito iluminista quando dizia: “Se dois sexos já são bastante inadequados, quando se considera a imensidão e diversidade do mundo, como poderíamos lidar só com um?”

Em *Professions for Women*, Woolf falou da necessidade de desconstruir a representação da mulher até então eleita por uma sociedade patriarcal. E criou uma imagem, a da Fada do Lar/Anjo da Casa, imagem essa que precisava ser banida urgentemente, se as mulheres quisessem escrever resenhas de livros e/ou ficção.

Na sua obra, Woolf criou uma nova representação desse sujeito não mais unificado e fez sur-

gir um novo sujeito, mais fluido e mais próximo das abstrações do inconsciente, para enveredar pela heterogeneidade, pelas diversidades e pelos fragmentos de uma nova lógica fraturada e múltipla.

Para se contrapor à essa fada do lar, ao invés da busca da perfeição para servir aos outros, fez-se necessário buscar uma frase toda nossa. Uma frase que pudesse ser transcrita para a vida em geral. Uma frase que lhe visitasse não de fada, mas que se adaptasse ao fluxo do seu próprio pensamento. Pensamento esse que, criasse uma complementariedade que muito mais ►

► enriquecesse às diferenças, do que as reforçasse. Essa complementaridade, Woolf chamou de “androginia”, conceito que, desde longe, já se antecipava aos potenciais da multiplicidades do ser mulher, das escritas ditas femininas, e dos conceitos de gêneros tão revistos e resignificados nas últimas décadas.

A androginia de Woolf era definida enquanto “ressoante e porosa”: deveria transmitir emoções sem empecilhos; e que fosse naturalmente criativa, incandescente e indivisa; e concluía: “É preciso ser masculinamente feminina ou femininamente masculina”.

A questão da mente andrógina não deixou dúvida do espírito vanguardista de Woolf sobre as discussões acerca do aspecto dos papéis sexuais não fixos, mas fluidos e mutáveis, e fez uma pergunta que até hoje ecoa nos estudos feministas: “O que é uma mulher? Eu lhe garanto que não sei... Nem acredito que ninguém saiba até que ela possa se expressar em todas as artes e profissões abertas às habilidades humanas”.

Enquanto Woolf contribuiu valiosamente para as discussões feministas no início do século 20, Simone de Beauvoir também, em *O Segundo Sexo*, foi uma das precursoras na crítica ao sujeito, questionando a sua presumida universalidade e neutralidade, quando exclamava já na primeira linha do seu mais famoso livro de que: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.”

O sentimento de incompletude é uma constante na vida dos seres humanos de uma forma geral. A consciência da finitude da vida e a (in)apreensão do caráter fugidivo da vida, nos tornam seres com sentimentos de impotência profunda diante do tempo que passa. Woolf era uma escritora sempre atenta à esse fracasso do apreender o passado; um passado, eternamente perseguido, e indizível, onde sempre faltava uma palavra.

Doris Lessing, outra escritora inglesa canônica, no livro *A Casa de Carlyle*, ressaltou que: “A medida que foi amadurecendo como escritora, Woolf passou a apre-

ciar a fugidia imponderabilidade da vida – ... Tal imponderabilidade de Woolf trabalhou na literatura através da experimentação nos romances, buscando apreender o que ela via como verdade mais sutil sobre a vida, e se utilizando da sua sensibilidade, para fazer da vida o ‘halo luminoso’”.

Em questões autobiográficas, gênero de tanto sucesso nos últimos tempos, Woolf falava dos momentos da difícil apreensão por parte do biógrafo; dos momentos que ela definia como não existência, e que ao mesmo tempo criava uma metáfora para definir tais momentos como “incrustados numa espécie de algodão cru indefinido”. E explicava: “É sempre assim. Uma parte dos dias não é vivido de modo consciente”.

Com esse pensamento do não existir, Woolf criava a sua teoria, uma filosofia de que em uma vida, uma arte, ou história, está tudo entrelaçado e fazendo parte de um todo, o que dificulta a separação quando da tentativa de contar ou recontar uma história de uma vida. “Por trás do algodão cru está escondido um desenho; que nós estamos – isto é, todos os seres humanos estão – ligados a isso; que o mundo todo é uma obra de arte; que nós somos parte de uma obra de arte. Hamlet ou um quarteto de Beethoven é a verdade a respeito dessa imensidão que chamamos mundo. Mas não existe Shakespeare, não existe Beethoven; e nem existe Deus; nós somos as palavras; nós somos a música; nós somos a própria coisa...a nossa vida não se limita ao nosso corpo e ao que dizemos e fazemos; vivemos o tempo todo em relação à determinadas medidas ou idéias de fundo. A minha é de que existe um desenho por trás do algodão cru. E essa concepção me afeta todos os dias”.

Nos seu livro *Momentos de Vida*, Woolf fala de que, desde muito cedo, aprendeu a viver

com dois mundos, o mundo real e o seu mundo todo seu; o seu mundo imaginário. Nesse mesmo livro, fala da sua vida, família, relação complexa com o pai, a perda da mãe, os irmãos, as festas, o cotidiano da sociedade Inglesa do começo do século 20, dos vestidos, das tardes, de Londres, do instante, do inefável, e da nossa ilusão de sonhar com os caminhos escolhidos ou não.

Na sua casa de Hoggart, em Richmod, Woolf sentia-se trancada do lado de fora, pois a calmaria do lugarejo bucólico que o marido Leonard preocupado em nutri-la e ocupá-la, lhe aprisionava, lhe remetia à morte, pela distância do burburinho efervescente de Londres, onde a vida acontecia, e as cortinas estavam abertas. Seu confinamento dentro de casa para repouso e bons ares, não evitaram o seu mergulho em direção à morte. O espaço da casa, da suposta segurança do lar e do afeto dos seus; da domesticidade e da casa enquanto valor de intimidade, não amenizaram o sofrimento de Virginia na sua luta com a ficção, quando da construção do seu romance mais famoso e revolucionário, *Mrs. Dalloway*.

“What a lark, what a plunge!”. Foram as primeiras falas de *Mrs. Dalloway* que, numa exclamação irônica, talvez a personagem tenha se antecipado à autora e o seu último mergulho, só que não mais de êxtase e entusiasmo diante da vida, mas de tristeza e solidão, junto às algas e águas caudalosas do Rio Ouze.

Mas como janeiro é mês de seu nascimento, inclusive o meu..., hoje aqui fica esse registro, pedaços dos escritos, idéias, de Virginia Woolf, tecidos no meu trabalho de doutorado, e que reproduzi nesse espaço para homenagear essa escritora que tem nome de loba, e que deixou seus uivos ecoados na história da literatura inglesa, das mulheres, e das artes. ✦

Ana Adelaide Peixoto Tavares é professora do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e colunista do Jornal **A União**. Mora em João Pessoa (PB).



O xadrez do texto

Quando se trabalha há algum tempo com revisão e leitura crítica, você começa a encarar o texto literário mais ou menos como uma partida de xadrez: a partir de sua abertura, já é possível prever algumas atitudes do jogador e muitos de seus futuros movimentos.

Os grandes escritores não diferem muito dos grandes mestres do xadrez. Contrariando os rastros deixados no tabuleiro, os caminhos abertos por suas peças numa margem quase sempre limitada, eles conseguem trair nossas expectativas e traçar rumos até então inéditos.

“

Walker reforça a citação de que as mulheres negras foram identificadas como as mulas do mundo, ou seja, carregando o fardo do que ninguém, mas ninguém mesmo, suportaria carregar.



► tos. Tão melhores são quanto mais nos surpreendem com suas estratégias, subvertendo o automatismo inicial do primeiro contato e a apresentação do jogo através do narrador e de personagens, que vão caminhando e tombando num ritmo sempre frenético.

Este aprendizado, que eu chamo de “experiência narrativa”, não se adquire da noite para o dia. Num filme, por exemplo, você já deve conseguir prever um atropelamento, sempre que uma câmera se afasta de um ator prestes a cruzar uma rua deserta, de costas, e assume o ponto de vista do seu interlocutor, na calçada. É um clichê com o qual você já deve ter se deparado, em décadas de uma cultura cinematográfica forjada por *blockbusters* da Sessão da Tarde. A nossa cultura literária é, geralmente, mais atrofiada que a nossa cultura cinematográfica, e demora até que consigamos

estabelecer padrões que até os romancistas mais originais costumam reproduzir (de histórias contadas e recontadas desde que os contemporâneos reproduziram dos clássicos, os clássicos copiaram dos gregos, e os gregos repetiram de seus ancestrais, reunidos em volta da fogueira).

Mais fascinante do que este exercício de probabilidades advindas da “experiência narrativa” — este quebra-cabeças de enredos no qual determinadas peças, de determinados formatos, se encaixam, outras não — é a previsão que decorre unicamente do texto que estamos lendo, da intimidade estabelecida com aquela história que temos ali diante de nós. Esta história é produto de um autor que, como todo ser humano, tem traços de personalidade e manias quase sempre passíveis de atravessar a peneira do nosso editor interno, se deixando revelar em nossos parágrafos.

Quando aprofundada, mesmo uma primeira leitura pode se tornar familiar como aquele relacionamento antigo no qual os parceiros conseguem adivinhar, por uma casualidade comum ou por um simples gesto como o esgar de lábios, exatamente o que o outro está pensando, por vezes traduzindo o pensamento em exatas palavras.

Um exemplo recente com o qual me deparei foi o de uma autora fascinada com o verbo “transtornar” — utilizado por ela em uma conotação pouco usual, não no sentido de “causar transtorno”, mas de “subverter”: como a poesia, que “transtorna” o significado

das palavras. Após algumas repetições, ainda que espaçadas, no texto, já era possível antecipar quando esta noção de “transtornar” voltaria a aparecer (o que era agravado por se tratar não de uma narrativa, mas de um texto teórico, no qual estes pequenos trejeitos parecem mais propensos a se multiplicar, numa frequência ainda mais incômoda, como num relacionamento desgastado).

Nada grave: bons revisores/leitores críticos cometem os mesmos deslizos quando estão escrevendo (provavelmente, analisando atentamente até mesmo este breve texto, já é possível notar alguns dos meus tiques: os apostos, disfarçados pela alternância de vírgulas, dois pontos, travessões e longos parênteses, como este aqui; ou a utilização de exemplos, para dar um pouco mais de concretude a minhas divagações e aumentar esta relação de familiaridade com o leitor).

É este, afinal, o trabalho de um bom revisor ou de um bom leitor crítico: “transtornar” o olhar do autor com este outro primeiro olhar, que ele próprio já não é mais capaz de ter e nem sempre consegue simular, imerso que está no texto, esta partida de xadrez que pode terminar com um jogador exausto, derrubando o seu rei e virando o tabuleiro. ♣

FOTO: PIXABAY



Tiago Germano é escritor, autor do romance “A Mulher Faminta” (Moinhos, 2018) e do livro de crônicas “Demônios Domésticos” (Le Chien, 2017), indicado ao Prêmio Jabuti. Mora em João Pessoa.

Anna Beatriz

ILUSTRAÇÃO: TONIO

ser mulher é quase mitológico

ser mulher
é quase mitológico

nascemos com uma vida já pré-determinada
pelos deuses do Olimpo na terra
em sua forma humana e viril

e eles nos manipulam
nos moldam
para que caibamos em caixas invisíveis que eles mesmos criaram
mesmo que isso signifique mutilar o que há de melhor em nós

então censuram o nosso livre-arbítrio
tornam do nosso íntimo, um objeto público
decidem quem devemos ser
como devemos nos portar

nos culpam pelos seus crimes
e nós pagamos pelos seus erros
nossa vida toda
e esta, é um tribunal aberto para eles julgarem

nossa epopeia
é uma tragédia



herança

quando o meu corpo finalmente se desintegrar
e virar banquete para os vermes mais repulsivos
que esta terra há de guardar em seu quintal
minha alma permanecerá viva e intocada
através das palavras, faço-me presente
contentamento (não) descontente
eis a minha herança
maleável
miserável
única
triste
inútil?



Graduada em Letras - português pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), **Anna Beatriz Oliveira Tavares** plantou o seu interesse pela literatura quando criança, com incentivo da família e da escola, e os frutos são perenes. Em 2017, começou a escrever — para si — poemas e outros textos, e hoje já acumula mais de 110 escritos. Em 2020, passou a atuar revisando livros e artigos para jornais e revistas. E-mail: biaot.702@gmail.com instagram: [@annabeatrizot_](https://www.instagram.com/annabeatrizot_)

Os eus de José Luís Peixoto



Nascido em Galveias – Portugal, em 1974, José Luís Peixoto se destaca como um dos mais importantes escritores da literatura portuguesa contemporânea, vencedor do Prêmio Literário José Saramago, em 2001, com o romance *Nenhum Olhar*. Foi de José Saramago que Peixoto recebeu a seguinte apreciação: “Uma das revelações mais surpreendentes da literatura portuguesa. É um homem que sabe escrever e que vai ser o continuador dos grandes escritores.”

A coluna deste mês se dedica, portanto, a José Luís Peixoto, tecendo, de forma muito breve, algumas considerações sobre dois de seus livros, com destaque a procedimentos literários que os aproximam e que dizem respeito à elaboração de uma escrita de si, para a qual o autor investe na configuração de seus eus narrativos.

Morreste-me (Dublinense, 2015) é uma história

sobre a figura paterna, contada pelo filho e em primeira pessoa. No seu todo, trata-se de uma espécie de reverência àquele que representa a paternidade, num grau de amor cúmplice que arrebatava o leitor pela poeticidade impressa na elaboração de um luto.

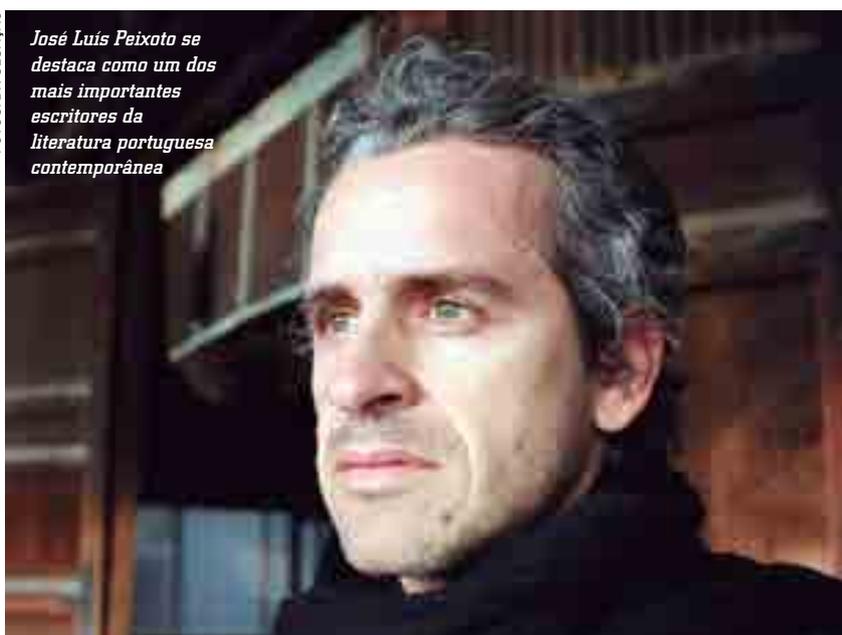
Autobiografia (Companhia das Letras, 2019), conforme se expressa no título, é a narração de uma história que pretende ser de si, do eu referido no próprio autor, mas que rompe esse limite, uma vez que o eu narrativo se refere, também, a outra personagem/pessoa biografada e que representa, de um certo modo, um universo paterno.

Em linhas bem gerais, ambas as obras instigam reflexões em torno de questões inerentes à identidade do eu-sujeito, em sua relação com a figura paterna, sendo, a primeira, uma homenagem ao pai de criação e de formação pessoal e, a segunda, ao pai intelectual e/ou literário.

Responsável pela revelação do escritor no ano 2000, em Portugal, *Morreste-me* é composto de cenas do convívio do eu-filho com o pai, desde a infância, até a doença deste, o agravamento no hospital, a morte e o sepultamento, mas de forma que os episódios se entrelaçam e o fio da vida se apresenta sinuoso, em certo sentido, inin-

FOTOS: DIVULGAÇÃO

José Luís Peixoto se destaca como um dos mais importantes escritores da literatura portuguesa contemporânea



▶ terrupto. Uma espécie de “Desenredo” como aquele composto e cantado por Dori Caymmi, em que *a morte tece seu fio de vida feita ao avesso*.

Categorizado como novela, *Morreste-me* apresenta, como elemento formal, uma marca da comunicação epistolar como função fática da linguagem, no estabelecimento de uma interlocução direta com o pai, mas em sua condição póstuma. Essa estrutura, em alguma medida, e principalmente pela temática, lembra *Carta ao pai*, de Kafka, mas, ao contrário da carta do escritor tcheco, em que há um ímpeto de revelar, paradoxalmente, ódio e admiração pelo pai, na “carta” de Peixoto, o ímpeto é o de declarar um profundo amor, uma tristeza da perda, uma homenagem.

Para reverenciar esse pai, o personagem-narrador recorre às lembranças, como forma de vivência e de redenção do infortúnio de um luto que se lhe mostra extremamente sofrido. A interlocução com o pai morto se dá em ambientes domésticos (a casa, o quintal), hospitalar e no cemitério, e a verdadeira experiência artística, a partir de uma suposta vivência pessoal, dá-se, assim, pela palavra, matéria prima primordial para a materialização do silenciamento da voz do pai.

Outro aspecto que merece destaque neste livro é o da continuidade, impulsionada, contraditoriamente, pela concretização da finitude pela morte. Já no título se observa esse procedimento, na medida em que o verbo morrer, no tempo passado do modo indicativo e na segunda pessoa, une-se ao pronome “me”, como uma forma de realçar a ideia de que a morte do outro resulta numa ação deste outro-pai sobre o eu-filho.

mesmo depois de ti, ainda segundos e tempo, como se nada lhes tivesse alterado o labor ténue de tecer um fio delgado inter-



*‘Morreste-me’:
reverência àquele que
representa a paternidade*

minável, como se interminável o tempo, o fio ténue, como se não pudesse ser cortado a qualquer instante, a qualquer segundo, como se não tivesse sido cortado, abruptamente cortado, para nunca mais voltar a unir, nunca mais nos voltar a unir. (p. 42)

O que se expressa no título é o que se coloca em toda a narrativa em forma de continuidade do pai no eu-filho. Por exemplo: o cortejo do sepultamento do pai, um dos momentos mais tocantes, reveste-se de imagens que indicam um caminho de dor e de gratidão pelo que se foi, pelo que se é, pelo que continuará sendo. Tais imagens ilustram uma relação muito forte entre pai e filho; uma força que se revela por meio de uma carga poética, ao mesmo tempo, singela e densa, e que, de certa maneira, sobrepõe-se ao enredo.

Autobiografia, editado no Brasil pela Companhia das Letras, em 2019, atendendo a uma sugestão da TAG (clube de assinantes associados que lança o livro em pri-

meira mão, e em comemoração ao seu quinto aniversário) é impressionante, desde o título, que, a princípio, denota a narração da vida de uma pessoa, escrita pelo próprio punho, ou seja, uma narração em primeira pessoa. No entanto, este procedimento ganha um novo significado, sem que o primeiro lhe seja subtraído, constituindo, assim, um recurso bastante inventivo, num livro que se autodeclara vinculado a uma forma literária que ele próprio transforma, tendo em vista, por exemplo, uma mudança significativa de focos narrativos, e uma certa predominância da narração em terceira pessoa.

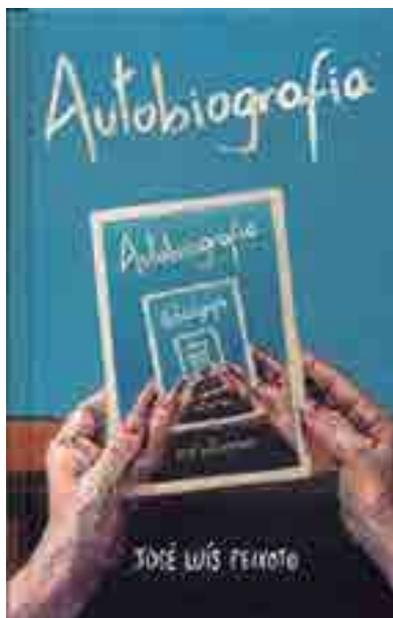
Segundo o autor-personagem, trata-se de um “um texto ficcional de cariz biográfico” (p. 212). Para tanto, ele constrói uma estrutura narrativa, pela qual é possível levantar questionamentos alusivos à identidade referente a quem diz respeito a trama num livro que se propõe autobiográfico, ao menos no título. Ou seria esse mesmo título uma engenhosidade de Peixoto cujo objetivo é o de desconfortar o leitor no seu entendimento do que vem a ser uma definição já consolidada acerca do texto que se pretende autobiográfico? Estaria Peixoto provocando reflexões sobre identidades e/ou identificações do eu-sujeito?

Considerando que as respostas aos questionamentos acima sejam afirmativas, é possível inferir que faz parte do projeto literário de Peixoto contemplar uma revisitação a certas formas literárias consideradas canônicas e/ou consagradas, pelo menos para as teorias da literatura, com a finalidade iconoclasta de conferir a elas novos sentidos. Para tanto, por exemplo, ele se reveste de uma linguagem extremamente poética para falar mais ao pai do que mesmo ao leitor em *Morreste-me*, e reinventa, em *Autobiografia*, uma forma de texto autobiográfico, que busca diluir os limites en-

► tre ficção e realidade factual, por meio do processo de identificação do(s) sujeito(s) biografado(s) impresso em sua obra.

Essa *identificação* (termo preferido de Stuart Hall em *A identidade Cultural na Pós-Modernidade*, DP&A, 2006, por considerá-la algo inacabado, em constante mutação) pode ser analisada como procedimento estético de autor que pretende esmiuçar questões sobre identidade, e isso se materializa no romance por meio de alguns artifícios literários: 1) O José que assina o livro é, em parte, o mesmo que narra, mas há um outro José, que é o Saramago, a quem a proposta de biografar se refere, além do personagem de *Todos os Nomes*, de José Saramago, que também se chama José; 2) Para realizar esse artifício, Peixoto lança mão de uma recorrência da mudança dos focos narrativos, como forma de evocar as identidades figurativizadas no romance; 3) O ro-

A partir dessas duas obras, é possível, portanto, refletir sobre identidades e identificações, uma vez que, ao voltar o foco narrativo para si, como personagem, como narrador ou como autor, Peixoto impulsiona uma compreensão mais ampliada do próprio mundo.



Em 'Autobiografia', autor busca diluir os limites entre ficção e realidade factual

mance é constituído de um forte teor metaliterário, por exemplo, em forma de anotações que podem ser do autor-personagem José que escreve um livro, de Saramago que, na condição de personagem, também, escreve um livro; 4) E, para realçar ainda mais essa configuração labiríntica dada à narração, os demais personagens são extraídos de romances de Saramago.

Além desses artifícios, *Autobiografia* ainda sugere imagens especulares dos personagens biografados, quando, por exemplo, José expressa o medo de lançar o segundo romance porque Saramago, depois de lançar *Claraboia*, levou décadas para escrever/lançar suas obras, e, assim, compreender-se escritor e se assumir como tal. Em sendo Saramago uma persona biografada, o livro abre possibilidades de interpretação, uma vez que põe em perspectiva qualquer evidência sobre quem é, de fato, o ser

Em linhas bem gerais, ambas as obras instigam reflexões em torno de questões inerentes à identidade do eu-sujeito, em sua relação com a figura paterna, sendo, a primeira, uma homenagem ao pai de criação e de formação pessoal e, a segunda, ao pai intelectual e/ou literário.

biografado: José ou Saramago ou os dois ao mesmo tempo.

Talvez inspirado por Fernando Pessoa, cuja obra mudou sua vida (conforme declara em entrevista ao suplemento que acompanha a edição brasileira de *Autobiografia*), Peixoto tenha investido na criação de seus eus, mas, diferentemente do consagrado poeta português do século XX, não como heterônimos, praticamente autônomos, mas como representações possíveis das próprias subjetivações.

A partir dessas duas obras, é possível, portanto, refletir sobre identidades e identificações, uma vez que, ao voltar o foco narrativo para si, como personagem, como narrador ou como autor, Peixoto impulsiona uma compreensão mais ampliada do próprio mundo, e, conseqüentemente, dos possíveis papéis do escritor como intelectual do seu tempo e espaço. ✖

Analice Pereira é professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Escreve sobre literatura e, vez ou outra, aventura-se pela ficção. Mora em João Pessoa (PB).

Milho aos homens

Jesuino André

Especial para o *Correio das Artes*

Tenho a mania de sempre acordar com uma música na mente. E o subconsciente age ao bel prazer.

No ano passado, tivemos que votar. O voto é obrigatório e nada mais justo. Já imaginou deixar ao-deus-dará?! Aí é que ele não vai dar...

Sim, e logo cedo a velha e famosa música do cantor e compositor Zé Geraldo fluiu na minha boca com seu refrão memorável. E ela vale uma boa reflexão, para quem é ou não é de reflexões.

Meu lado pessimista sofre a angústia dos tempos. E o meu ambiente tolstoiniano sofre por saber que em breve o bairro perderá algumas belas e frondosas árvores daqui mesmo do quarteirão. Vão-se as sombras e os pássaros.

Ainda é possível ver mangas e limões nos muros na dádiva natural do doar. Ainda é possível ver as pessoas colherem das calçadas os cajus, pitangas, goiabas e as frutas disponíveis para todos.

É possível ver batendo na porta a miséria que não se acabou, pois a miséria do homem nunca acabará. Ela está bem definida quando o jovem perdido nas drogas baratas bate todo dia na porta de minha casa solicitando ajuda que aqui nunca lhe foi negada: água e pão. O que é posto na minha mesa ele come.

Isso aqui não é nenhum desafo. Nem é preciso. Enquanto houver a disputa de poder e da riqueza de todos para os poucos, o cenário será o mesmo.

Mas vou me ater a letra da canção folk "Milho aos Pombos" (1981) que me levou a isso:



FOTO: JESUINO ANDRÉ

“Enquanto esses comandantes loucos ficam por aí
Queimando pestanas, organizando suas batalhas
Os guerrilheiros nas alcovas preparando na surdina suas
Mortalhas

A cada conflito mais escombros
Isso tudo acontecendo e eu aqui na praça
Dando milho aos pombos

Entra ano, sai ano, cada vez fica mais difícil
O pão, o arroz, o feijão, o aluguel
Uma nova corrida do ouro
O homem comprando da sociedade o seu papel

Quando mais alto o cargo, maior o rombo
Isso tudo acontecendo e eu aqui na praça
Dando milho aos pombos

Eu sei tanto quanto eles, se bater asas mais alto
Voam como gavião
Tiro ao homem, tiro ao pombo
Quanto mais alto o vôo, maior o tombo”.
(...) ✖

Jesuino André de Oliveira nasceu no interior da Bahia e mora em João Pessoa (PB) desde os anos 1980. É redator-publicitário, produtor cultural e editor do podcast *MeuSons*. Publica suas crônicas nas redes sociais: Instagram: @jesuinooliveira; Twitter: @jesuinoandre

Tem mais igreja

DO QUE SUPERMERCADO

(Totonho)

Rodrigo Falcão

Especial para o *Correio das Artes*

A alma anda roubando o alimento do corpo
Tem mais igreja do que supermercado
Tem muito mais igreja do que supermercado

E a graninha do pacote de feijão
É a mesma grana pra obter a salvação
Tem mais igreja do que supermercado
Tem muito mais igreja do que supermercado

Em nome do pai, do filho, do Espírito Santo
Passe pra esse canto qualquer valor
Em nome do pai, do filho, do Espírito Santo
Porque Jesus não quer apenas teu amor

Ó Deus, me faz um instrumento teu
Que apenas tu possa me tocar
Que eu não quero virar
O pasto do pastor
A brasa do defumador

Uma parte do terço
A farsa da fé tirada de mim
E vendida pra mim mesmo
Tem mais igreja do que supermercado
Tem muito mais igreja do que supermercado



Ouçá 'Tem mais igreja do que supermercado' através do QR Code

Rodrigo Falcão é professor de língua portuguesa, crítico musical e foi colunista da Tabajara FM com o quadro 'Eu Lírico' (2017-2018)

COMPREENSÃO

O eu lírico faz a crítica da parte espiritual furtando comida da parte material do corpo, criando uma exacerbação em torno da religiosidade. Em sua concepção, ter mais igreja do que supermercado é o ato contínuo dos fiéis alimentarem apenas a alma no lugar do corpo. É importante observar quando se reforça a ideia de intensidade no advérbio "muito".

Percebe-se a preocupação com o espírito, quando os mesmos recursos da comida são desviados do lado material no intuito de obter felicidade eterna (salvação como felicidade eterna). Exemplo: "E a graninha do pacote de feijão / É a mesma grana pra obter a salvação".

Nos versos seguintes, observa-se o discurso do eu lírico citando a oração e a ironia do dízimo aos fiés da igreja. Mais uma vez, a oração é colocada como forma de vantagens usando o nome de Jesus (em sua concepção, no mercado da fé Jesus não passa de um produto vendido à prestação). Exemplo: "Em nome do pai, do filho, do Espírito Santo / Passe pra esse canto qualquer coisa de valor / Em nome do pai, do filho, do Espírito Santo / Porque Jesus não quer apenas teu amor".

O eu lírico pede pra ser um meio com o intuito de ser tocado apenas por Deus, e afirma o receio de ser "pasto do pastor", sendo metáfora do falso pastor que finge cuidar das ovelhas – transformando-as em "brasa de defumador", isto é, quer se alimentar de suas crenças para obter vantagens. Exemplo: "Ó Deus, me faz um instrumento teu / Que apenas tu possa me tocar / Que eu não quero virar / O pasto do pastor / A brasa do defumador".

O terço é objeto de adoração entre católicos, e, para o eu lírico, a fé é vista como forma de manipular e pôr à venda para ele mesmo (a religiosidade se transforma em alienação e aprisionamento). Exemplo: "Uma parte do terço / A farsa da fé tirada de mim / E vendida para mim mesmo". ✖

Totonho, autor da música: ato contínuo dos fiéis alimentarem apenas a alma no lugar do corpo



FOTO: LEONARDO ACCIOLINI/DIVULGAÇÃO

Sorriso



ILUSTRAÇÃO: TONIO

Um homem foi encontrado numa poça à beira da estrada. Estava sujo e desnordeado, caçando com a mão a luz do sol. Seria um cigano que perdeu a mulher para um vaqueiro e virou sorriso. Depois que a mulher se foi, o homem apenas sorria, sem recordar de nada e de ninguém. Mas quando foi encontrado na poça não sorria e tentava segurar o sol. Era difícil conter entre os dedos os raios que rachavam o chão de rochas e de folhas e gravetos quebradiços. Um homem não pode se apossar do sol, nem que seus dedos chorem, lambam as luzes que a manhã mistura.

Rinaldo de Fernandes
é escritor, crítico de literatura e professor da Universidade
Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB).

JORNAL A UNIÃO,
O ÚNICO EM
SUAS MÃOS.

Há 128 anos **A União** está presente na vida dos paraibanos e é o único jornal impresso em circulação no Estado.



CARTÃO SESC.

**BENEFÍCIOS E QUALIDADE DE VIDA
NA SUA MÃO.**



Hospedagem a preços acessíveis nos hotéis Sesc por todo o Brasil;

Atendimento odontológico a preço acessível;

Atendimento com nutricionista, fisioterapeuta e fonoaudióloga a preço acessível;

Passaporte para o paraíso ecológico Sesc Gravatá;

Pacotes de viagem e excursões;

Almoço com valores especiais nos restaurantes credenciados;

Atividades físicas a preços populares;

Cursos e oficinas;

Descontos nos cursos do Senac.

PROCURE UMA UNIDADE DO SESC MAIS PRÓXIMA E FAÇA SEU CARTÃO.

www.sescpb.com.br

Fecomércio PB 